Os Pizinhos

EDUARDO CAMPOS

Os Pizinhos

MEMÓRIA DA CORDIALIDADE

FORTALEZA
2001

Copyright © 2001 – Eduardo Campos
Todos os Direitos desta edição são reservados.

Projeto Gráfico
Carlos Alberto Alexandre Dantas

Capa
Eduardo Campos

A MODO DE PREFAÇÃO

Conquanto estimulado vivamente pelos leitores do "Diário do Nordeste", jornal para o qual escrevi quarenta curtas crônicas – "Os Vizinhos" –, relutei reuni-las no presente volume, por duas razões: primeiro, os artigos foram escritos para atender a compromisso de rotina do jornalista que sou; segundo, a toda certeza, como os escrevi, não se creditam de veleidades literárias.

Mas acabou falando mais alto – fator decisivo na minha decisão de resgatá-los – o informal mas inesperado acervo quotidiano de memória urbana em que transitaram pessoas amigas de meus pais, e também minhas, em jocosos ou curiosos episódios que, marcando a vida dos outros, acabaria pontuando também a minha com sentimentos imperecíveis.

Razão essa que, sem dúvida, no percurso da publicação dessas rememorações, acabou sensibilizando a número considerável de leitores, indulgentes e saudosistas como eu, logo identificados com os fatos por mim relatados, a tomar a parceria de muitas das cenas relatadas.

Hora de mencionar: ao longo de quarenta artigos nada foi sugerido que não refletisse a realidade do acontecimento referido. Impus-me, no entanto, a valorizar um ou outro episódio com detalhes (esquecidos antes à pressa da primeira redação), nomeando já agora, de modo mais exato, ilustres parceiros da cordialidade vivenciada principalmente nas cadeiras de calçada da Rua do Imperador e em Mondubim.

Assim mencionado, o leitor compassivo, a me acolher nessa grata oportunidade, esteja desde já informado de que, mesmo nessa circunstância, não me animou a mínima preocupação literária.

Estou consciente – o quanto me basta a meu confortado lazer de que, historiando uns tantos momentos da vida dos vizinhos de meus pais (e em menor porção, dos meus), efetivo, para os pósteros, a idéia de como homens felizes, antigamente, transformavam a calçada na mais acolhedora e inesquecível de todas as salas de visita.

E.C.

O "Almanaque do Ceará", de 1931 tem longa matéria de redação rememorando entusiasticamente todos os momentos da Revolução de 30. E faz menção elogiosa a Juarez Távora: "Juarez fez a República de 1930, rasgando horizontes novos à Pátria..." E lá está, de página inteira, em policromia, o retrato dele em figuração alegórica, obra de arte gráfica, calcada em clichê impresso na Escola de Aprendizes Artífices.

Juarez Távora marcou época.

A esses dias, arrebatava o coração das mulheres. E sensibilizava os homens! Desse modo, a figura com ar impassível, antipático, decididamente carrancudo, em lenços, papel de embrulho, maços de cigarros, postais, em tudo que os seus admiradores aproveitavam para louvar-lhe os gestos altivos de patriota.

O poeta Mário Linhares enalteceu-lhe:

"Juarez, o teu nome há de ficar na História,
das reivindicações do Brasil redivivo
como um marco de luz da suprema Vitória
de um povo, que rompeu seus grilhões de Cativo!"

Trabalhava-se pouco, em Fortaleza, pois trinta e um os feriados, incluídos na soma geral os eclesiásticos (13), que importavam e outros, não demorando desaparecer; o 12 de julho, assinalativo da Constituição do Estado (1892), o 14 de julho, comemorativo da Liberdade e Independência dos povos americanos e o da adesão do Ceará à República (16 de novembro), além dos feriados municipais, que logo deixaram de existir: 5 de abril, data de fundação da Associação dos Merceeiros; 24 de junho, dia da instalação da Fênix Caixeiral, e Dia do Caixeiro, 30 de outubro.

O comércio absorvia o entusiasmo da época e passava a vender, como acontecia na casa "Columbia", grafonolas "Sorona", discos "Parlofon", e receptores de rádio assim grafados: "radio-phonicos". Mencionado dispor a firma de "montadores de estações nos lares".

Por 25$000, por mês, a “Casa Mundlos”, vendia máquinas de costurar e bordar. A mercearia “A Brazileira”, a preferida por todos, tinha águas minerais “Caxambú” e “Salutaris”; e vinhos franceses, espanhóis, portugueses e italianos. Os convalescentes bebiam “Caxambú”... ou Hidrolitol...

A Ceará Gás Company Limited conclamava as fortalezenses: “Deixai instalar um fogão a gás em vosso lar!”

Em 1934 os telefones só tinham três dígitos; 300, o da Farmácia e Drogaria Pasteur.

Nesse ano, Américo Lászlo editou, com êxito, o “Guia da Planta da Cidade”. Havia inclusive indicador de “Aviação”, com os dias da linha praticada em avião militar. Por sua vez, a Pan American Airways System utilizava o “aeroporto” da Barra do Ceará, os passageiros com direito a traslado em ônibus, sendo que as partidas davam-se às segundas-feiras, às 7 horas, para o Norte, e para o Sul, às terças, às 5 horas.

Crianças adoravam ir à “Praça do Ferreira” ver a loja do número 649, onde podiam achar os brinquedos vendidos pelo famoso “Bazar Alemão”. O estabelecimento importava da Alemanha e Tchecoeslováquia...

Quando dei conta de mim, a fazer-me atento e curioso às conversas dos que se sentavam à calçada do João, período que imagino localizado além da metade dessa década, os vizinhos já eram homens decepcionados com a Revolução. Mas havia ainda os que apostavam no prestígio do General Juarez Távora, verdade. Não contentara a administração do Dr. Fernandes Távora.

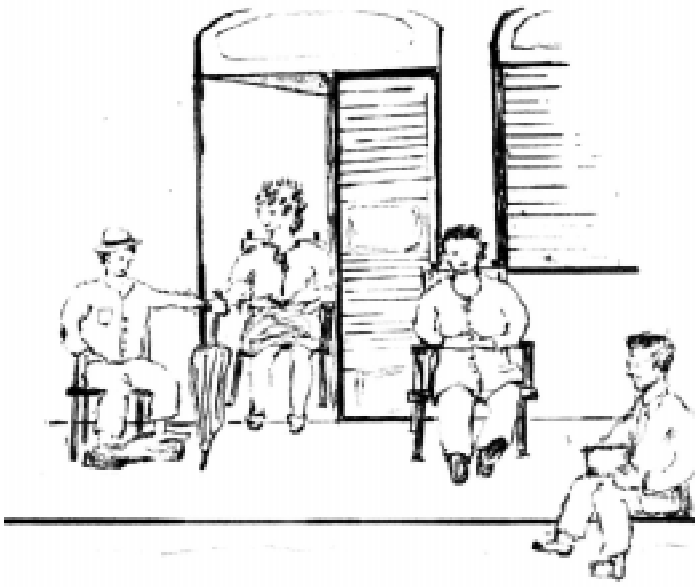
Raramente os freqüentadores da calçada ocupavam-se de política ou religião. O tema principal, a exploração do comércio, os preços altos, e, principalmente, a imprevisível chegada da quadra chuvosa aos sertões.

Para essa gente simples, o melhor governo do Ceará era um bom período de inverno, compreenda-se, de boas chuvas.

Exceto a presença de minha mãe, sentada por detrás da banda da porta que não abria (a se resguardar das correntes de ar), nenhuma outra senhora acudia a participar.

Ali, o assunto estava reservado a homens: a facção de vontadosos e cordiais vizinhos. Gente que estava tendo, a esses dias, o prazer de transformar a calçada em espaço público.

Estavam ali, acima de tudo, solidários com o espírito de família, que os unia nas alegrias e infortúnios.



A cidade dos anos trinta: ainda lá estavam a Sé e o seu adorado Cruzeiro.

1

PRATICAMENTE nasci e me criei, até me casar, entre vizinhos. Assim aprendi a respeitá-los, e, posso até dizer, amá-los.

Depois de crescido, enfronhando nas artes do folclore, recolhi provérbios (ah, como é grande e justa a sabedoria popular!) sobre a convivência com vizinho indesejável.

Rara a pessoa que não tem para contar, a propósito de esmola dada a algum pedinte de feira, o famoso agradecimento tantas e tantas vezes repetido:

– Deus o livre, cidadão, da praga do mau vizinho!

E minha mãe, a Isabel Eduardo Campos, assim ouvindo não deixava de ajuntar: "É mesmo... Vizinho ruim estraga as amizades de todo o quarteirão..."

Como acabei de sugerir, vivi entre bons vizinhos, sendo que, em Pacatuba, na casa dos meus avós, essa gente situava-se apenas de um lado, pois do outro, o esquerdo, perseverava um terreno baldio.... Mas em Fortaleza, já na Rua do Imperador, passei a conhecer o dia-a-dia daqueles que moravam parede e meia, gente aprendida a utilizar os meios mais prosaicos de comunicação (batida na parede de separação de casas geminadas, em noites de enfermidade; ou na porta da rua, toc-toc, logo ao amanhecer, e não de raro a se justificar: "Não é ninguém, seu João, é o vizinho... Minha mulher está chorando com dor..."

E quando não desse modo, de dia o congresso de amabilidades culinárias, umas até impertinentes, por cima do muro, coisas assim: "Queria uma mão de tempero" – "Olha, só preciso mesmo de uns dois carocinhos de pimenta do reino, pra temperar" – "Não abusando, podia me arranjar outra colher de café?" Não vou aperrear mais, prometo..."

A cordialidade transitava em tom cordial e humilde, por cima do muro, e nem sempre tinha a mão da "volta", só a de ir, embora fossem coisas mínimas as requeridas, tão mínimas, que não careciam pagamento.

Meu pai achava tudo aquilo um quer que fosse de "descaramento". Criado sob normas rígidas, não admitia as solicitações por cima do muro. Ele dizia: "Quer o favor? Saia, vá bater à porta do outro... É mais decente."

Os ricos, os que moram em casas isoladas, cercadas de jardins, dificilmente experimentarem o significado dessa solidariedade, típica de pessoas de pequena economia e muita

intimidade. Mas, em verdade, nada se compara, creio, ao convívio de casas ligadas pela mesma estrutura arquitetônica, respirando, vivendo, gritando na alegria e na dor...

Em rigor foi a grande diferença que percebi desalentado, depois de bastante adulto, sair da casa da Santos Dumont para morar em apartamenrto..

Vizinho aí, nessa circunstância, quase sempre é para bom-dia, boa-tarde, "como vai o Senhor?" e coisa e tal... Vale-se do elevador como quem anda de automóvel, nada parecido com a convivência circunstancial desfrutada por passageiros de ônibus.

Àquele tempo da Rua do Imperador, as pessoas não apenas em bondes, ou ônibus, ou a andar simplesmente pelas calçadas, tinham sempre com quem falar, trocar idéias, a desamar as autoridades, o serviço público.

Em edifício de apartamentos cada inquilino é como se estivesse em sítio estanque.

Por isso, vez por outra vejo-me remetido aos anos trinta, ou quarenta, os que em boa porção passei na Rua do Imperador, a imaginar que, de repente, vou ter algum vizinho, depois de toda uma noite de angústia, batendo à minha porta, clamando ajuda.

Toc-toc-toc....

2

O RELACIONAMENTO entre vizinhos não se fazia apenas pelos fundos das casas, pelo quintal, como contei antes, quando fluía, aí, transcorrente, administrado com cortesia, a demanda culinária. Essa, sem a menor dúvida, copiosa atividade de práticas nem sempre convenientes às donas de casas, pois não de raro algum pedido soar abusivo.

Por isso msmo essa troca de obséquios informais por sobre o muro não de raro azedar, como em nosso caso, à conta do gênio da Rachel, que, vez por outra, realmente abusada, apreciava repetir algo que funcionava a modo de insulto: "Criatura, é você pedindo novamente?"

Mas os vizinhos (pelo menos da Imperador, nos anos trinta), a nível de entendimento mais social, sabiam também utilizar a porta da rua para solicitações. Justas e covenientes.

Raro dia o não se ter à porta algum vizinho com problema.

O quadro se repetia formatado de igual maneira. Apresentava-se a pessoa, geralmente a própria dona da casa, encenando acanhamento. E era a mesma cantilena: "morta de vergonha vinha dar trabalho, tinha de fazer assim, a ficar sem jeito" etc., etc, e a dar voltas às explicações, para afinal esclarecer: queria, por exemplo, o pilão emprestado para socar uma paçoca, desejo do marido, esses homens, e tal e tal...

Aí a coisa pegava, porque o pilão em verdade estava no rol de utensílios altamente requestados pela Rachel. E só a menção – "de empréstimo" –, já fazia a empregada pôr-se em cima dos pés, arreliada: "Emprestar o meu pilão? Nem pensar! Sei lá que porcaria vão socar nele!!!"

Nisso a vizinha distante, na sala de visita, esperando a resposta, enquanto minha mãe fazia mil e uma contorsões verbais para contornar a situação, o que conseguia afinal. "Não precisa esse escândalo todo! A mulher pode vir bater a paçoca na nossa cozinha..." – decidia.

O João, o dono da calçada.

Objetos não só desse tipo, mas muitos outros, de todos os tamanhos e formatos, quais chaleiras, pratos, bacias, por exemplo, não se passavam por cima do muro. Iam cedidos, de maneira mais nobre, pela porta da rua.

Havia exceções... E vem ao caso relembrar.

Por exemplo... Houve dia em que o dono da mercearia da esquina, para acudir a tratamento da esposa doente, pediu o irrigador de lavagem íntima...

O João Pereira, menos atento às regras de higiene, aquiescia, consideerando poder minha mãe atender ao estranho pleito. Mas a Isabel Eduardo Campos, cheia de razões, discordava. "Então, homem?! É direito emprestar o nosso irrigador, as borrachas (os condutos de descida da água) e até os os bicos de meter na gente?"

Prosperou o impassse, difícil de solução. Por sugestão do Dr. Holanda, vizinho médico, minha mãe acabou concordando em ceder apenas a caixa de ágata, de reter o líquido. Ciosamente, preservava assim os bicos de seu inseperável irrigador do contacto com orifícios desconhecidos....

3

VOLTO a me repetir, sei, e o faço debaixo de minhas próprias idéias.

Disse antes: a sala de visitas das casas, antigamente, principalmente a da Rua do Imperador, servia de palco às alegrias da família em seu percurso de felicidade, mas também (ah os indecifráveis desencontros do destino na vida das pessoas!) espaço reservado a instantes de dor profunda, a soar e ressoar quando a família perdia um de seus membros, a se ir do nosso mundo para o outro, desconhecido e amedrontante, e de lá nào mais voltar... salvo em sonho ou pesadelo.

Portanto o local mais nobre da casa, a sala de visita. Sítio ideal para solenizar o pedido de casamento ou o próprio enlace, assim como para testemunhar a presença de visitas ilustres, das segredosas conversas do sacerdote amigo (confessor da família, qual o Pe. Nini), ou de médico, igualmente apto não só às terapias do corpo mas da própria alma.

Conto outra razão da existência da sala: local em que se ia meter o defunto, a demorar em caixão a esse ensejo ladeado por familiares e curiosos, até partir o féretro, enquanto alguns dos presentes, mais descontraídos, acomodavam-se paraldores em cadeiras recostadas à parede do cômodo.

Nessa hora de dor, em que se feriam os corações sensíveis e por isso mesmo permeáveis às lágrimas, tinha bastante a ver a adesão, a solidariedade do vizinho. Aliás, em momentos tais, a cooperação se manifestava cedo, muito antes da hora fatal do passamento da criatura. Em rigor, podia estar

vindo de dias, de semanas atrás, pois não de raro o oferecimento aos que já sabia tresnoitados na vigília ao moribundo:

– Olhe, pelo menos duas vezes na semana, posso ajudar de noite....

A voz da Isabel Eduardo Campos gostava desses gestos de piedade, de ajuda cristã. Assim tão disposta, tão vontades, podia dar a impressão de estar sempre disponível a permanecer acordada toda uma noite, em vigília. Qual nada!

Incapaz de cumprir esse trato, sem mais nem menos acabava transferindo a obrigação à Rachel. A empregada resistia bravamente, mas finalmente, a resmungar, rendia-se.

Acrescente-se outro motivo para dobrar-se à incômoda missão: esperava, estando ao lado do morto, ter o palpite exato para o jogo do bicho, de sua predileção.

Historiei em livro, "A Flor da Idade", como liquidei o meu medo às almas.

A Rachel me orientara passar três vezes diante dos pés de algum defunto, número cabalístico, definitivo, para acabar de ver com o receio às gentes do outro mundo.

Quando no final dos anos trinta faleceu o Sr. Cavalcanti, pai do Valtério Cavalcanti (próspero torrefador de café por volta de 1970), me ofereci para estar presente ao velório do respeitável vizinho.

A um descuido de minha mãe, bem ligeiro desfilei duas vezes pela frente dos pés do morto.

A me dispor para a terceira passada, minha mãe me brecou:

– Estará doido? Tenha modos!

Tive não. Mais que depressa escapuli das mãos da Isabel, e rápido fiz a terceira e última passagem, como ensinara a empregada.

Desde esse dia, acredite, nunca mais tive medo de alma.

4

VIZINHOS, todas as boas criaturas que moravam perto da casa de meus pais, na Rua do Imperador. Na esquina, como relatei antes, residia o pai do Waltério Cavalcanti, e pelo lado esquerdo, indo em direção ao muro da antiga Rede Viação Cearense (alcunhada de "rapariga velha e cansada..."), seguiam-se outras criaturas de boa convivência: Sebastião Tavares da Silva, dono de afreguezada marmoaria, viúvo, pai de três filhos, os dois primeiros mais velhos do que eu: Lauro (mais tarde, oficial do Exército), Leônidas, o Lelé, (terror do trote no antigo Liceu do Ceará, da Praça dos Voluntários), e meninota, limpa e gorducha de minha idade, Laura, Laurinha, creio.

Mais adiante tinha-se a residência do Chico Silva, risonho dono de padaria, casado com senhora gorda e simpática, par de minha mãe, a Isabel Eduardo, cedo da manhã, quando ambas, amparadas de virtudes, faziam o percurso até a Igreja do Patrocínio.

A esses dias, o que se deve entender por quase final dos anos trinta, mulher considerada séria, de bons costumes, não convinha andar na rua, sair às compras, só, desacompanhada.

Sofri por longo tempo, compelido em outras circunstâncias (visitar tios, no Prado; ir à Praça do Ferreira, ver e até comprar saldos de "queimas" de dezembro...), a pajear minha mãe. Para me cativar, ela exercia toda uma série de procedimentos aliciantes.

De véspera, me deixava demorar na calçada, ainda que já passada a hora de entrar para tomar o banho da tarde.

Ou, com igual artimanha, sem reclamar, me deixava chupar pirulito, comer puxa-puxa, antes do jantar...

Coração de menino não se engana fácil. Sentia-me engodado para alguma missão indesejada, logo mais. De fato, ao outro dia lá estava a Isabel diante de mim, deslumbrante em sorrisos, a me confiar em alegria exagerada:

– "Olha só que surpresa! Vamos "passear" juntos, e dessa vez você vai gostar, pois vou deixá-lo olhar a vitrina do Bazar Alemão, na Praça, enquanto compro meus sapatos..."

Quase todas as senhoras daquele quarteirão, o segundo na rua, a começar do muro da estrada de ferro, eram religiosas.

A esse tempo estava de pé ainda a Sé, imponente edifício, cheio de passados, tendo por diante de suas paredes brancas o tradicional Cruzeiro, ao pé do qual os piedosos, não de raro, iam acender velas à invocação de santos, desejos e sonhos.

Pois bem, na sacristia reuniam-se as Mães Cristãs, parceiras de associação que tinha como conselheiro o próprio Bispo, Dom Manoel da Silva Gomes. E para lá, em bando comportado, uma vez por mês, iam aquelas domésticas vizinhas e minha mãe, para a reunião da prestigiosa confraria.

Meu pai, por pura birrra – (Ah, como o João era implicante!), achava tudo aquilo (reuniões, idas até a igreja...) pura perda de tempo, enquanto minha mãe, temerosa do sucesso de algum castigo em razão de tamanha irreverência, rebatia os argumentos, com decisão:

– João, você não era assim... Vá ver que anda ouvindo conversa de maçom... Que Deus nos proteja!

Em verdade o João até gostava de ver a Isabel a caminho da Casa do Senhor.

A Isabel Eduardo. Nunca deixou de estar jovem e encantadora.

5

O conceito de vizinhança, no sentido abrangente de convivência em todos os momentos do dia-dia, alcançava mesmo, fazendo a todos imbricados nessa conta, os que moravam mais distantes.

E nesse caso vale a pena recordar a esposa do ferroviário João Brígido Parente, diligente chefe do trem da RVC,

figura simpaticíssima, gordinha e atenta em acudia a todos com as artes de aplicar injeção.

Antes do casal Brígido, estava a residência – possivelmente a mais bem apresentada do quarteirão – ocupada pelo Dr. Nazareno Pires, professor da Escola de Agronomia, providencial criatura que me abriu os sentidos visuais e auditivos, para o rádio e o teatro, a acontecer por volta de 1939.

Contei antes, em modesto e despretencioso livro de memórias, que esse bem dotado agrônomo funcionava para a comunidade simples da rua como enciclopédia. Cansei de testemunhr a ida do João Pereira, depois de acalorada discussão com os amigos na roda da calçada, à noite, para perturbar o professor com as mais variadas indagações, a intuito de esclarecer dúvidas que o grupo palrador não conseguia decifrar.

De ver, ao longe, diante da residência a que os demais chamavam de "palacete", a figura paciente do Dr. Nazareno, magro, sóbrio e sereno, a escutar paciente a exposição do problema que o "pai do Manuelito" (esse o meu apelido), pretendia elucidado.

O "doutor", assim mencionado, firmou-se ali como o sabe-tudo da rua, muito mais disponível do que o Dr. Holanda, médico, sempre a se descartar do assédio dos vizinhos, com desculpa irrecorrível:

– "Olhe, se a dúvida for médica, podem contar comigo... Questões técnicas só aí mesmo com o Nazareno..."

Outro ferroviário, o "seu" Victor Marcelino Ferreira, pai de conhecido advogado, Dr. Assis Ferreira, servia também à RVC, morou antes na casa que depois seria ocupada pelo "seu" Sebastião "da Marmoaria".

Maquinista, não me lembra se de primeira classe, contava dramáticas histórias de desastres de trem. A mais expressiva de seu repertório de reminiscências inesperado episódio

em que figurava o trem cargueiro, sob sua direção, a descer inteiramente desgovernado o Itapaí, longa e sinuosa rampa enfrentada duramente pelos comboios da estrada de ferro.

Nesse mesmo lugar, em hora de muita chuva, – fato muito festejado à época – mais de uma vez os passageiros tiveram de desapear, para, aliviando o peso da tração, ensejar ao comboio as condições de vencer o desafiante e perigoso trecho, com aclive de mais de 20 graus.

Eu, basbaque, apreciava as histórias de "seu"Victor. E tocava até de puxar, posso a até jurar, a blusa de pijama de meu pai, sugerindo:

– Pai, pede a ele pra contar novamente a descida do trem sem freio, no Itapaí....

A Praça do Ferreira, do Cine Majestic, da Coluna da Hora, de jardins e bancos. também uma “calçada” para o povo conversar...

6

HÁ INSTANTE bastante significativo no relacionamento de vizinhos: o que servia para marcar a chegada de novo morador à rua. Circunstância a exigir – antes e efetivada a mudança – instigante série de visitas de reconhecimento ao imóvel a ser ocupado, com indispensável tomada de informações sobre o quotidiano das pessoas ali estabelecidas.

Pois bem, relembro por hoje os passos de meus pais quando em determinado momento de nossas vidas, resolveram deixar a Rua General Sampaio (imóvel fronteiriço a sítio onde mais tarde funcionaria o Cene-Luz) para ir habitar casa de número 90 da Rua do Imperador.

Soube o João, no primeiro levantamento da disponibilidade humana dos futuros vizinhos, que iria ter de parceiro na

calçada, por exemplo, o "seu" Victor Ferreira, brioso maquinista da RVC, assim como o simpático João Brígido, qual relatado anteriormente, operoso chefe de trem da estrada de ferro.

Morando já na casa, vieram as "visitas de ajuda", como as nomeava minha mãe, solícita gente com informações realmente valiosas.

Vizinha veio, então, dizer a Isabel a que horas passava o verdureiro...

O carroceiro, conquanto reclamasse de tudo, confiável na venda de achas de lenha, mas nada de comprar lenha cortada e cintada por arco de barril, "que só tinha boniteza, não servia"..., e mais, outra a informar o nome de enxundiosa mulher que trazia à porta os melhores ovos do mundo, bons, nenhum gorado...

Meu pai, a seu turno, ficou logo inteirado sobre a vantagem de não ir à Praça do Ferreira para determinadas compras, pois "o Gambetá abastecia bem..."

E frutas? Não valia mandar a Rachel ao mercado, pois o Lupicínio, ali perto, embora birrento, vendia bananas, mangas, macaúbas, e até atas de primeira...

Concorridíssima a primeira reunião de vizinhos na calçada, um dia após efetivada a mudança.

Nessa ocasião, na descontraída assembléia, em que todos queriam sugerir, aconselhar, João e a Isabel ficaram cientes de que pão melhor não havia que o da Padaria Ideal, e podia deixar o postigo da porta entreaberto, com toda segurança, pois o padeiro, ainda com escuro, vinha largar aí, encarapitado, o pão...

E mais, valia fazer o menino beber o leite puro, ofertado todas às tardes, antes das quatro, a vaca dócil parando à porta enquanto simpático leiteiro ia-lhe espremendo as tetas, mungindo-a...

Na esquina, do outro lado da rua, via-se a mercearia. Não me lembro de quem. Ficava pegada a casa em que morou, por muito tempo, a irmã de Valdemar Caracas.

Na bodega nunca faltava sardinha nem bacalhau de barrica... e, bem, o que sabia a todos como mais importante: tinha caderno para o fiado...

Ah, abençoado caderno, precursor da venda em prestações.

A moda alcançava remotamente a existência da Isabel Eduardo.

A Sinhá Botelho, costureira da família Pereira Campos, subsidiava as alterações que julgava conveniente a pessoas como minha mãe e outras senhoras da mesma idade.

Em verdade, quando a saia subia algo assim em torno de um palmo, já outras mulheres, mais ousadas, na cidade a usavam quase à altura dos joelhos. A Igreja desse período, anos trinta, punha freio às arremetidas da moda, e chegava a negar a comunhão, por exemplo, às senhoras de vestidos de mangas cavadas...

Ah, as tais mangas imorais, escandalosas! Elas parecem ter chegado a Fortaleza com minha prima casada, vinda de Manaus, cuja tradição (certamente injusta) dada pelas mulheres, era de "criatura quente", "assanhada" por homem. Hoja, a qualificação significaria sensual, e não causaria ofensa.

A prima chegou, vaporosa, esplendente de vida.

A cava dos vestidos (aliás de blusinhas que pareciam injetar-se de ar), quando a mulher se movimentava, alargava-se, deixando entrevistos, pelas axilas, a carnadura dos seios...

Dias ainda do califon, espécie de lenço grande dobrado jeitosamente em casa, e que as senhoras, como minha mãe, usavam para sustentação dos seios.

Mas a prima mais moça que as outras casadas, aparentemente nada usava. E esse detalhe não fazia apenas a diferença de comportamento moral.

Mais por diante, já se podiam ver mulheres indo à rua com a aba da saia dos vestidos roçando a metade da perna.

Usava-se bastante o etamine. Em casa, quase ao final da década, a preferência das donas de casa marcava o uso do quimono. O da Isabel ostentava ramagens e pássaros, o que lembrava o tecido de sombrinhas então em moda. Os homens, a começar de meu pai, não esqueciam o chapéu.

Em nossa casa, no cabide da sala de entrada, não faltavam os de massa, ditos "do Chile" (era Ramezoni, nacional) e o de palhinha, que ficava bem nos homens quando esses, de bengala e roupa branca, iam ao Passeio Público.

Vizinhos, via de regra, tinham os mesmos hábitos, exceto os considerados "ricos", e aqui a qualificação quer significar mais importância, diferença de classe, do que opulência.

Homem fumava a todo o momento. O João não largava o maço de "Acácia", cigarros escuros, fortes. Certa vez fumei um desses escondido na sentina, e me arrependi profundamente. Para onde ia, depois, fugindo da falta cometida, o fartum da nicotina me denunciava...

O leite condensado "Moça", recomendava-se para evitar "enterite, tuberculose e outras enfermidades graves". Passagem de trem, da RVC, de ida e volta até Crato, custava 73$800; A. Fiúza Pequeno vendia os famosos fogões "Berta". Cinco lojas negociavam com vitrolas e discos: Casa Alemã, Casa Colúmbia, Casa Kosmos, Dummar & Cia e Rosa dos Alpes.

Famoso o leiloeiro Cyriaco Rolla. Aos seus leilões acudiam quase todos os vizinhos da Rua do Imperador. Os comentários perseveravam nas conversas da calçada, à noite. E cada qual vivia o drama, tantas

vezes imaginado, dos que se desfaziam de seus móveis domésticos, para empreender “viagem ao sul do país”, por “motivo de força maior”, desculpa a encobrir o desmoronamento de matrimônios desventurados.

Na Praça do Ferreira funcionava a alfaiataria de J. França & Cia. O dono tinha livro em que lançava o nome dos devedores relapsos...

Pois bem, tendo de sair às pressas de Fortaleza, meu irmão José Ayrton, ao retornar depois de vinte anos, tornou ao balcão da alfaiataria e pediu ao dono do estabelecimento verificar se em seu nome havia débito. Aberto o famoso livro de contas não pagas, lá estava, em grafia caprichada, o nome dele por extenso, e mais: a descrição do terno feito, o total da dívida... só então honrada. Pensam que o sr. França se admirou? Cobrou os juros, agradeceu a preferência e informou: “olhe, nos últimos dias, é o terceiro devedor antigo que vem pagar a conta...”

A fachada da Sé. Diante dela o austero e milagroso Cruzeiro.

7

VENHO tentando definir, a meu modo de ver, o que se deve entender por vizinho. Mas em vão, imagino.

E agora, reincido a preocupação, a tentar dessa vez esclarecer qual a identidade ideal, por exemplo, que deviam ter aqueles por então considerados "vizinhos da Rua do Imperador", algo a suceder, na convivência familiar da rua, pelos anos trinta e comecinho dos anos seguintes.

É que, a um repente, lembra-me importante detalhe senão vejamos: vizinhos não eram, a toda certeza, apenas as tantas e queridas criaturas que moravam parede-e-meia, ali,

isto é, próximas umas das outras, que, sob qualificação de vizinho, acabavam considerados igualmente os moradores localizados em pontos mais distanciados.

Como todos, ou quase todos àqueles dias, gente oriunda da área rural (meus pais, de exemplo, vieram de Pacatuba...), animavam-se a aceitar a tradicional classificação interiorana de vizinho, circunstância em que é tida, como esse sentido, morador de sítio mais distanciado, e, não de raro, em muitos casos, até muito fora do alcance do relacionamento quotidiano.

Sob essa feição – espero possam me ajudar a definir – o meu parente Arquimedes Campos, a habitar casa situada no primeiro quarteirão, na verdade meia quadra) da Rua do Imperador, quase pegada ao muro da RVC, era vizinho de meus pais.

E do mesmo modo o Jáder Soares Pereira, pai de prole inteligente (inclusive do professor Edilson Brasil Soares), ainda que morando a duas quadras de nossa casa (a residência dele estava na Rua Castro e Silva) não deixava de ser também vizinho...

Sob esse raciocínio ainda passo a explicar: considero vizinhos meus, em terras do Baú (Município de Guaiúba), os proprietários (fazendeiros) que se situam, muita vez, a mais de quilômetro da sede de nossa propriedade...

Pois bem, essa mensuração espacial de distância, entre as casas habitadas na região, não atenuava de modo algum a identidade do chamado vizinho. E mesmo aos que ficavam mais distanciados, se exigia a existência do desfrute do quotidiano, para a consolidação do critério do relacionamento social.

Esse vezo rural, vezo ou que outro nome tenha, de conceituar o vizinho, a toda certeza acabaria funcionando como fator decisivo para tornar bastante abrangente a reali-

dade comunitária dos moradores da Rua do Imperador, na maioria vinha da área rural.

E havendo algum importante morador da rua, como no caso o Dr. Francisco de Menezes Pimentel, ainda que residindo dez quadras adiante, para todos os efeitos era considerado "meu vizinho"...

Dessa maneira, também vizinhos – e igualmente importantes – os "vizinhos" a partir da casa do Dr. Pimentel: Euclides Vasconcelos, Otávio Farias, João Saraiva Leão, Edigar Rola, Joaquim Ferreira Gomes, Major Porfírio Lima e Inácio Gomes Parente. Tinham telefone de quatro dígitos: o do Dr. Menezes Pimentel, 11.11...

8

OS VIZINHOS (e eram todos, assim, por aqueles anos trinta, em qualquer rua da cidade) não perdiam o bate-papo, à noite, na calçada. E nesse contexto a calçada do João Pereira.

Sabiam que a esposa (diziam "a mulher dele") assumida friorenta, punha-se sempre protegida pela porta da rua, entreaberta, na intenção de ficar fora de alcance do temido "vento encanado".

Na proximidade do assunto, vento encanado a significar agente físico perigosíssimo, e desse modo causador da maioria dos achaques, de que reclamavam tanto os mais velhos como as pessoas de meia idade.

"Seu" Leão, pontual parceiro da roda, vivia sempre a se queixar do "danado do vento encanado" que, sem perceber, tomara nas costas ao sair do banho. Na mesma hora – contava repisando cediça história – sentira calafrios, "uma coisa ruim", e até hoje, ao cair da tarde, temia estar ameaçado de ataque de sezão...

O João trazia à conversa dos que demoravam na calçada o "desastre", assim mesmo mencionado, acontecido a amigo que, desprezando a advertência dos mais idosos, depois de tomar café, forte e quente, cometeu a tolice de botar o pé fora de casa... Foi sair, bater o vento, ficar de boca torta, horrível de ver...

O maquinista Victor não deixava a essas horas de lembrar o exemplo dado pela dona da casa, minha mãe, comentando jocoso; "Faz muito bem ficar horas, d. Isabelzinha, aí arredada do vento doido, de adoecer a gente."

A Rachel vindo servir café (as xícaras em bandeja de flandres, mil passarinhos em revoada, galhos de plantas botando flor, pintados nela...) aproveitava a deixa:

– Na Guaiúba vi prima minha morrer estuporada... A coitada foi assoprar a labareda do fogo, e ainda afogueada achou de se lavar... Acabou, lá ela, de boca torta, como se tivesse macaúba dentro...”..

Quando o assunto esmorecia, pelo desinteresse dos circunstantes, vinha à baila a questão política nacional, o que só acontecia raramente. Então tornava o João, que temia os movimentos armados, prometer:

– Se houver revolução, fecho o Café Peri, vou bater em Pacatuba...

Não faltava quem interviesse, a fazer graça:

– Mas “seu” João não vai esquercer de levar o quinado Imperial, não é?

Minha mãe não gostava daquela alusão. E entrava, a recolher antes da hora, e a resmungar pelo corredor. Detestava ouvir falar em quinado Imperial, por então a bebida que, anos depois, andara perto de arruinar a saúde do João.

9

TENHO referido sempre a vizinhos, conferindo ênfase maior aos ditos do sexo masculino. Mas hoje, e por considerar ter sido certamente até certo ponto injusto com as mulheres, retorno o tema para contar delas, de vizinhas, que, conquanto tivessem suas residências distantes da Rua do Imperador, ligavam-se à família de meus pais, em termos de relacionamento às vezes mais animados que os vizinhos próximos.

Ao leitor pode até parecer (e eu não me incomodo pense dessa forma) que forço esse enquadramento de conceito, para dispor de fatos mais fáceis de lembrar.

Em verdade não descarto a idéia de que valorizo a vizinhança distante, mais explicitamente sem a proximidade tradicional do manual da etiqueta doméstica, a privilegiar nesse caso a pessoas que, habitando no fim da rua, ou mesmo em outro bairro, jamais deixaram de visitar, com assiduidade, minha mãe.

Querem saber? D. Natalina, mãe do meu parente Arquimedes Campos. A mulher setentona, saía do bairro de José Bonifácio e, sem perceber, a esses instantes, inaugurava a primeira grande caminhada a pé em Fortaleza, não a interesse de revigorar a saúde, mas pelo hábito de se apreciar andar centenas de quadras, por caminhos difíceis, pelo prazer de conversar com minha mãe.

A tanto, recusava-se de modo obstinado a viajar de bonde. “Bonde? Quero lá me meter nesses troços... Tenho

horror a choque, e vejo como é perigoso, na troca de direção da lança, do carro. Tira centelhas aos fios..."

– "E os cachorros, d. Natalina? – indagava minha mãe. E ela, magérrima, muito desprovida de carnes, no entanto, a responder firme:

– E para que serve a minha sombrinha...?

O parente e vizinho Arquimedes Fernandes Campos.
Filho de D. Natalina.

Na verdade sombrinha não era, mas surrado guarda-sol antigo, desbotado, e assim mesmo eficiente instrumento de defesa utilizada para afugentar os cães atrevidos...

D. Natalina demorava pelo menos uma hora sentada na sala de jantar, lugar mais íntimo da casa. E depois ia visitar a Idelzuite, minha prima casada como Arquimedes, nora dela.

Morando mais perto, e por isso a se enquadrar verdadeiramente no conceito de vizinha, a Sinhazinha, velha amiga de minha mãe, inquilina da Tristão Gonçalves.

De certa vez irritou sobremodo a Isabel, pois depois de ouvir a dona da casa elogiar o café Peri (de fabricação do marido), rebateu:

"Você está muito enganada, mulher! O melhor café é o Paraense, "bom até a última gota".

Daí por diante, foi-lhe negado café em nossa casa.

Aliás, a decisão tomou-a a Rachel, que de cima dos tamancos, decretou:

– Essa megera pode morrer tísica (ela dizia tisga), que não vê mais o gosto do meu café...

10

A SOLIDARIEDADE entre vizinhos toca-me à lembrança agora.

Punha-se envolvente e sobretudo, se ouso mencionar, curiosa. E, a tanto, excessivamente, a pretender saber muita vez o que os outros podiam guardar a modo de segredo, algo por isso mesmo intransferível a estranhos.

– "Olhe, vá deixar para a fulana a "prova" da panela de doce de caju que acabo de fazer. Logo pensei nela..."

Nessas horas a Rachel fazia questão de só entregar o chamado "pratinho de doce" na mão da destinatária. Se a empregada da vizinha se antecipasse, logo considerada atrevida ou enxerida, era fulminada:

– "D. Isabelzinha QUER que eu dê na mão de SUA patroa..."

E assim tinha de ser, pois importante, muito importante mesmo a incursão de surpresa ao "reduto" da vizinha.

E desse modo, pelos cômodos da casa, ardilosos, caminhavam os olhos da Rachel, instrumento detestado por todos, terrível no procedimento de indesejável devassa, capaz de flagrar o desasseio da dona da casa no pó visível sobre a mesa, toalha de mesa suja, rasgada, ou em restos da refeição, sobra do almoço, guardados certamente para o jantar.

Tudo via, ou tudo era capaz de detectar, maldosa, a Rachel, a implicar com a colega magra: "Diabo de mulher que mais parece flagelada da seca do 15..."

O "pratinho", prova de guloseimas especiais, de preferência da linha de doçaria, podia tornar-se veículo de avalia-

ção insólita dos segredos da vizinha. Mas perdurava, sem dúvida, o simples gesto amistoso de convivência.

Assim, vamos convir, de bom-tom esse tipo de relacionamentos gastronômico, não obstante quase sempre transformado em perigoso periscópio de fiscalização, posto em ação para descobrir os deslizes da intimidade alheia.

Mamãe, educada no bom berço da família Eduardo, em que os mais velhos, e também por tradição familiar, os avós, não permitiam alusões impróprias a quem que que fosse, principalmente vizinhos, erguia a voz solene:

– Nem me conte história. Não quero saber do que ocorre na casa dos outros.

A Rachel reagia:

– Mas não estamos em Pacatuba, e aquele "espirro de gente", a empregada da mulher, quando vem aqui só falta levantar a tampa das panelas e ver o que tem dentro.

Desprezada essa ocasional contaminação do relacionamento de vizinhos, desfrutada apenas pelas empregadas qual a da nossa csa da Rua do Imperador (a acontecer pelos anos trinta), no mais muito perseveramente, e a escapo de interferências maldosas ou preconceituosas, corria a troca de favores sempre em nível de relacionamento doméstico, ou mais precisamente familiar.

Mandava-se quase tudo, a título de participação, para prova, de uma casa para a outra. Então na época das férias, celebradas afortunadamente em junho (o melhor mês do ano para os santos e cearenses), não faltava a permuta das tais "provas": tantas, as tais, tantas de muito, e assim indo e vindo, vindo e indo, porções de canjica, pratinhos com pamonhas, e não de raro perfumadas espigas de milho, assado na brasa, cheirando, cheirando...

11

EM DIA como outro qualquer, conto. A cidade inseria-se nos anos trinta. O almoço, de praxe, servido logo depois das onze, que a mão-de-obra ativa, qualificada ou não, dispunha de bastante tempo, muitos vagares, para deixar a Praça do Ferreira, onde funcionava o forte do comércio, e tocar em direção de casa para almoçar.

Meu pai saía de outro local, onde tinha a torrefação de café, a Praça da Estação; e aproveitando as poucas marquises, as sombras dos ficus-benjamim, caminhava a pé, repassando cumprimentos aos amigos que ia encontrando, dizendo ou ouvindo desses: "tudo bem, João?"– "E dona Isabelzinha, como vai? "– "Alguma novidade em casa?"– "E os negócios? ""

Quem morava na Rua do Imperador dava para ouvir a Coluna da Hora batendo as horas do meio-dia, e logo, podia apostar, para não perder, estaria todo mundo volta ao trabalho. E em decorrência as mulheres, quase todas nesse contexto, apareciam à porta de suas casas, que era bem familiar, até chique, esposa ver o marido retornar ao balcão ou escritório.

Vinha então a hora da sesta, o sol afugentava as pessoas das calçadas.

Poucos – certamente os não compromissados com algum ofício – ficavam como que escondidos. Menino não podia sair à rua, e era fácil de entender, pois as portas da frente das casas se conservavam cerradas até perto das quinze horas. Nessa situação, acontecia na Rua do Imperador. Só daí por diante voltavam a se entreabir, solertes, vagorosos, os postigos.

Certamente por trás de um desses estaria minha mãe a vigiar o que se passava na rua...

Não de raro a chamar a Rachel: "Vem ver, criatura, tem um carro parado na frente da casa do Chico Silva. Será que a mulher dele piorou?"

E a Rachel, aflorando no corredor, não demorava acudir sua opinião: "Deve ser o parente dela que tem dinheiro e anda se mostrando, dando uma de rico..."

Clássico, pelo findar dos anos trinta,o postigo de abrir para fora.

Esse o instrumento predileto, mais usado pelas mulheres (vizinhas entre si), para insólitas fiscalizações que ocorria na rua, tudo a pretexto, como minha própria mãe desculpava, de ver se já dava a hora do pão-do-chá, ou da chegada do leiteiro, espertíssima criatura, o tal que puxando roliça vaca de úberes opulentados, vinha mungi-la ao pé da calçada.

Pelas quatro horas, já havia vizinha entrando em nossa casa a qualquer pretexto.

Tudo valia para esse processo de intimidade doméstica inconsentida. Em geral, por um quer que seja ou modo de saber uma vizinha da outra. Por exemplo, se houvera mudança no horário da primeira missa... Se o pão da Padaria Ideal continuava a chegar na hora, se o vendedor da água de beber, da fonte do Zuca Acióly, já passara... E assim por diante.

Menino mais taludinho, como eu, se preocupava em fabricar a própria galena (preparando a bobina, esta a resultar em peça de fio enrolado em pedaço de cabo de vassoura etc, etc), ansioso para sintonizar, ferindo no cristal uma usada agulha de vitrola, a única emissora da cidade: a PRE-9.

Aparelho de rádio, de verdade, – tenho contado a me repetir outras vezes – só o da casa do Dr. Nazareno Pires... Misterioso, solene, plantando em ciam do que imagino fosse um velho guarda-roupa...

O desmonte do passado. Ia acabar-se o prédio da Intendência.

12

"PAGAR VISITA..."

Cresci, a tomar jeito de rapazinho, ouvindo essa frase.

Mamãe dava-lhe ênfase – e o faria desse modo por muito tempo – quando os achaques não a molestavam, e leve, disposta e feliz, gostava de se ausentar de casa em tão cordial missão.

Tinha prazer de "pagar visita", pricipalmente de vizinha, algo que acontecia, amiúde, como vem hora de recordar, a retribuir gentileza recebida da esposa do Chico Silva, pessoa muito querida no quarteirão.

A própria Idelzuite, parenta próxima, exigia que lhe "pagassem" as visitas, a defender a tese de que embora tendo o mesmo sangue, o que queria dizer", ser da mesma família", nem por isso merecia esquecida dessa cortesia.

Já pelo começo dos anos quarenta, como se dizia por então, a Isabelzinha fazia corpo mole. A tanto não por esmorecimento da amizade ou educação, mas pela idade que a amolentava, a sofrer os primeiros desgastes da vida.

Alheia a tudo, a Rachel perseverava em prevalecer sua etiqueta de Guaiúba, a considerar muito feio minha mãe esquecer pessoa de trato, como a esposa do "Seu" Silva, que nem parenta da família era, e que viera duas vezes visitá-la... E por cima ainda trouxera rosca de pão doce, de presente.

Mordaz, a língua afiada para cortar, lembrava: "E dizer a verdade, d. Isabelzinha, a senhora nem doente estava... Inventou o resfriado mais de cavilação..."

– Sei não, mas fica feio... – Insistia a empregada – Sendo a senhora tão cheia de prendas, não insistia nessa fraqueza... Se é por preguiça de vestir seu filho, eu cuido disso...

Sobrava para mim.

Em verdade se havia "passeio" detestável, esse era, sair de casa (como se fossse andar de bonde), e acabar indo a pé ver a vizinha próxima, duas casas depois da nossa.

E aí, nesse contexto, o menino zelado, como em dia de primeira comunhão, o cabelo alisado, as orelhas fiscalizadas, nenhum sujinho atrás delas...

A roupa, a clássica blusa de seda palha, em amarelo borrado (como de manteigra velha), e de complemento no indumento a calça de gabardine ou algo semelhante. Azul, naturalmente, e curta, o que insultava os brios da criança a se querer homem, e vestir calça comprida...

Na casa do vizinho (o marido, conhecido dono de afreguezada padaria, pessoa agradabilíssima), o menino sabia não lhe faltar brioches e biscoito facão. Nem o pratinho de doce feito em casa, quase sempre de leite, embora ele gostasse mesmo de banana-seca da Pacatuba ou de mariola, uma e outra enroladas em folha de bananeira...

De volta a Rachel queria saber de tudo. E encerrava a confissão, pilhérica, perguntando:

– E biscoito "facão". Teve? E ainda mais irreverente – "Contaram na tua frente a história da mulher que mostrou os peitos pro padre, dentro da igreja?"

13

AH, OLHOS que matam, arrasam a vida dos outros.

Assim mesmo dito, os tais olhos destruidores, demolidores, e certamente terríveis, olhos que fazem uma criança emagrecer da noite para o dia, e flor, por mais vicejante, murchar a um repente, como se o mormaço de fogo disfarçadamente esbraseado vulnerasse a tênue bela vida que existira ate ali...

Ah, os tais olhos de maldade, olhos capazes de sugarem até mesmo a seiva de planta até um dia antes verdejante qual mato em segundo mês de inverno de chuvas generosas...

Refiro a mau olhado, a mais contundente transmissão da peçonha, a que a administram os invejosos e cobiçosos, algo que a Rachel, ainda que sob a obstinada contestação de minha mãe – a Isabel que me criou como se filho dela fosse – fazia crer descobrir nessa ou naquela vizinha, de visita.

Por isso, em precaução estratégica, a porta da frente de nossa casa estava sempre fechada.

Se alguém, em dado momento, parava do lado de fora, a se anunciar batendo palmas, nem de longe poderia perceber que, sorrateira, ao pé do postigo, pelo lado interno da casa, já viera ter a empregada astuciosa e exímia farejadora de acontecimentos indesejáveis.

A dita, a empregada da Isabel, a guaiubana Rachel, mafiosa, dona de respeitável língua, autora de sentenças rudes a respeito de quem, em desventura, não lhe tocava os sentimentos, sentimentos bem difíceis de abordagem..

Sem dar margem a que percebessem o que armava, tangida por premonições que ninguém poderia explicar, a Rachel saía da cozinha e lá fora parar ao pé da porta, como se soubesse deparar alguma vizinha indesejada.

E mais que de repente, como réptil solerte, já minha mãe pressentia a criatura de volta, sobre os mesmos passos, anunciando em voz baixa acumpliciante:

– A senhora nem imagina quem está lá fora, batendo palmas. A mulher da casa vizinha a do "seu" Nazareno... Não abra não! Essa dona, posso jurar, tem mau olhado...

Minha mãe procurava contornar a situação, acalmar a empregada, dizendo: "É impressão sua, a mulher vem em paz...". E a outra, sem se dar por vencida, perseverava obcecada pela idéia:

– Abra a porta, não. D. Isabelzinha! Eu digo que a senhora está domindo...

– Não, não, não! Não sou de mentira! E isso que você propõe não está direito. E sei me defender. Rezo o Credo. Vamos, vá abrir a porta...

A vez da Rachel dar um muxoxo e acrescentar não de todo vencida:

– Pois então, a senhora vá distraindo a criatura aí na sala, enquanto vou escondendo os seus jarrinhos de planta..... Me deram muito trabalho, para morrer assim de maldade...

A coitada da vizinha seria tão maldosa assim? capaz de prejudicar as plantinhas inocentes?

Quem poderia confirmar? Quem? Mas na verdade, o mau olhado (ou que outro nome tenha) parecia funcionar. Era a vizinha ir embora, já havia platinha perdendo o viço. Exagero? Se afirmativo, fica por conta da Rachel...

14

RESSALTEI antes a cordialidade, a troca de favores – pequenos e grandes – entre vizinhos. Para servir, posso dizer recordando, existiam atentos os bons vizinhos da Rua do Imperador, gente de mão estendida e coração aberto; criaturas sem maldade, capazes de acordar pelo soar da meia-noite, e logo acudir à casa do amigo próximo, desesperado.

De que tamanho os favores?

Uns enormes, os tais que, em acontecendo, a própria pessoa beneficiada, ainda que tentado a retribuir com mil outras atenções assim mesmo não reconhecia valiosa a moeda de pagamento.

Outros favores, mais modestos, menores, pequenos... e até mesmo insignificantes. Mas ainda assim carregados de afeição e despojamento...

Toca-me contar por hoje a inusitada convocação da Rachel para "dar um pulinho até a cozinha da vizinha" e executar ali a gorda galinha (naquele tempo não se falava em frango) criada (e reservada) especialmente para o almoço da família em domingo próximo.

A essas horas, a Rachel armava o circo, como se diz.

A um primeiro momento, reagia: minha mãe soubessse, não era ela dona de açougue, etc., etc... E também aprendesse – continuava falando – e já estava cansada de repetir, a vizinha não queria matar a galinha, por "chiquê"... (chiquê, a frescura de hoje...)

E minha mãe educadamente dizendo: “Rachel, a mulher não pode ver sangue... É isso”. E a empregada, astuta, e também atrevida, respondendo: “E a senhora estará pensando que vou matar a galinha, sem essa “rainha” está presente, vendo?”

Davam-se marchas e contramarchas. Finalmente, a executora do sacrifício aquiescia. A morte da penosa arrepiava cabelos, pois terrível a cena do galináceo debatendo-se, vulnerado em sua integridade física, até restar vencida, de pescoço escangotado, afinal, morta, assassinada.

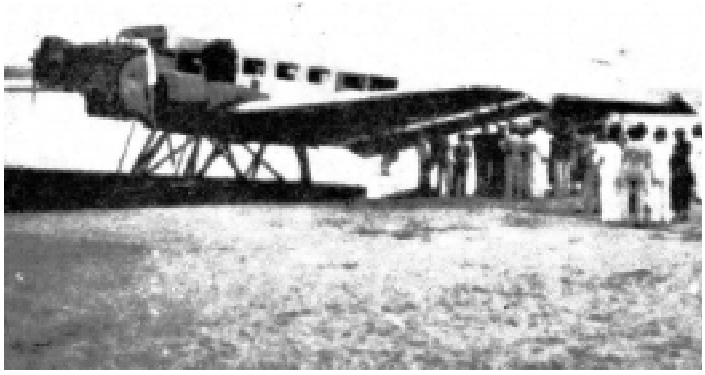
E aí, nessa exata hora, não demorava entrar em ação a faca da cozinha manejada pela Rachel, amoladíssimo instrumento de maldade, para riscar o pescoco da ave, em provocada e brutal sangria. E logo se via, a completar o quadro, o sangue jorrando, caindo viscoso em prato fundo de ágata...

Nem todos os favores entre vizinhos admito, tinha esse toque de magia negra que ora descrevo.

Davam-se atenções mais simples, como o do preparo de chá de cidreira temperado com casca de laranja, beberagem própria para acalmar os nervos de alguém (vizinha por hoje inonimada e em crise àqueles dias de ciúme do marido, bolinador descarado, caixeiro viajante desencaminhador de cozinheiras donzelas.)

Não sei porque toda vez que lembro a cena da galinha sacrificada, tintada de sangue, imagino ouvir o personagem de conhecida história de Trancoso (barão assassino de esposas), entrando em casa aos gritos: “Aqui me cheira a sangue real”!

Ah, pelo menos aquele sangue das galinhas, trucidadas pela Rachel, não cheirava nada...



Hidro-avião da Condor na Barra do Ceará.

A década de trinta, quase a seu final, via inaugurar-se em Fortaleza a 1ª Feira de Amostras do Ceará, os portões abertos em dezembro de 38. O encerramento marcado para o último dia de janeiro de 39.

O interventor do Estado, Dr. Francisco de Menezes Pimentel; Secretário do Interior e Justiça, Dr. José Martins Rodrigues. Plácido Castelo assumia a Secretaria da Fazenda, e o homem forte da Segurança Pública, Cap. Manuel Cordeiro Neto.

Dirigia a Prefeitura Municipal o Dr. Raimundo Alencar Araripe.

Tempos provincianos. Os dois edifícios mais reproduzidos em revistas e postais, inclusive figuraram no catálogo da Feira, o da Escola Normal e o dos Correios e Telégrafos.

A paisagem, a caracterizar a cidade, fluía do mar e das praias, abrangendo fotos de jangadas, coqueiros, e embarcações pousadas na areia da praia.

Uma ou outra refletia o encanto exótico, muito de agrado dos sulistas, das carnaubeiras, facilmente contempladas a caminho de Messejana, bem perto da cidade.

A Praça do Ferreira, remodelada, exibia a Coluna da Hora. Já não existia o antigo Coreto...

Industriais do Ceará participavam da Feira, e nesse caso a Manufatura Araken, fabricante dos mais vendidos cigarros: “Princesa” e “BB”.

A “Condor”, empresa de transporte aéreo, tomava passageiros, cargas e correio (até para a Europa), e mantinha a freqüência de vôos às quartas e quintas-feiras. A “Panair” informava em seus avisos que tinha avião fazendo “baldeação em Manaus”, de onde seguia vôo até os Estados Unidos.

Mas a foto mais significativa do progresso da cidade continuava sendo, sem dúvida, a do imponente edifício do Excelsior Hotel, a fazer drapejar, no topo do terraço-bar, 12 bandeiras de vários países.

O Hotel, um luxo à época, em que existiam dentre outros o Hotel Bitú, a Pensão Internacional, trombeteava dispor de 150 apartamentos, luz fluorescente e ventilação direta, água corrente e telefone. Os hóspedes podiam utilizar seus dois “rápidos elevadores”. Havia mais um detalhe: disponibilizava água gelada em todos os andares.

Nesse meio tempo, a Segunda Grande Guerra começara na Europa, e o conflito que se imaginava distante, veio depois, ficar perto de nós. Os jornais ainda matinham o que se chamava placard, isto é, afixados em local da Praça do Ferreira as manchetes sobre os principais acontecimentos.

Deu-se afinal, depois de muita especulação política, a entrada do Brasil na Guerra.

Em Fortaleza, fato inesperado marcou esses dias, o quebra-quebra de lojas.

Em Mondubim, seguindo o exemplo do que se promovia no país a entusiasmar o espírito cívico de Fortaleza, formou-se uma pirâmide – Pirâmide Stalingrado – constituída de chapas, pedaços de ferro, sucata, erigida entre o trilho do trem e a pracinha do lugar, contribuição modesta certamente, mas que entusiasmava a coleta de materiais indispensáveis ao esforço de guerra.

Fortaleza, à noite, mantinha apagada a iluminação pública.

E por ocasião dos torpedeamentos de navios mercantes nacionais, nas proximidades da costa, a vigilância policial tornou-se mais ativa, a população advertida do perigo da quinta-coluna.

Episódios curiosos ocorreram esses dias.

O maestro Ércole Vareta, italiano, pianista exímio e regente da orquestra da Ceará Rádio Clube (a emissora funcionava nos últimos andares do Edifício Diogo, foi injustamente denunciado como colaborador do inimigo, dado por repassar-lhe informações cifradas quando tocava piano. Evidente que tudo não passava de invencionice maldosa, mas o maestro, chamado à presença do Secretário de Polícia, teve de dar explicações...

A essa época todas as vidraças externas da emissora, naquele edifício, permaneciam cobertas com papel escuro, para não deixar vazar luz que poderia ser vista do mar...

Havia quem asseverasse poder a luz de uma vela ser vista a mais de um quilômetro de distância...

Em 1945 veio a esperada paz.

Mas a cidade começava a tomar nova feição; progredia, a tanto a impor estilo de vida mas consentâneo com o tempo. A própria convivência de vizinhos, em cadeiras nas calçadas, já não perseverava.

Pelas manhãs, podia-se ir à praia a ver as jangadas. Eram tantas! Muitas vezes, preguiçosas, ainda estavam lá, de velas enroladas, e sobre elas, e sobre o mar o *blimp* em sua vigia perseverante.

15

O CEGO tinha naturalmente suas razões, a retribuir o óbolo recebido a passante, com esta fulminante sentença relembrada antes: "Deus te livre, criatura, da praga do mau vizinho".

Verdade, o mau vizinho valia como praga, e em verdade devastador. Mas o bom, ao contrário, sempre bem recebido, jamais deixou de ser e por isso merecidamente enaltecido – e vem ao caso mencionar – na Rua do Imperador.

Vizinho aí, entendido não apenas o ocupante de casa próxima mas o que, indo-se dali passava a morar mais distante, como ao longo do percurso dessas singelas crônicas tenho procurado documentar..

Pois bem, à lista dos bons vizinhos da Imperador, de repente – e tudo na vida está sujeito a exceções –, veio juntar-se a figura malsã de pérfida mulher. Logo correu vocal a explicar, para quem não sabia. Cartomante e catimbozeira era, e por qualquer dez mil réis estava muito disponível para ler, às cartas, a sorte de mulheres frustradas e maridos desesperados.

E de ajuda a quem sofria, tinha a mão maligna, capaz de instrumentalizar vinganças, bastando ter da vítima qualquer parte do corpo, um cabelo que fosse.

O Joaquim Alves da Mota, uma das boas criaturas que Deus pôs no mundo (compadre de meus pais), morava perto de nós, e por um desses caprichos do destino, em casa pegada à dele foi estacionar a dita cartomante.

Até aí, tudo bem, não fosse vir dia em que o nosso Joaquim, mais conhecido por "seu" Mota, indo ao quintal da residência (separado do da vizinha por débil cerca), deparou a senhora dos segredos das cartas a se queixar de que algo estranho lhe caíra nos olhos. E logo, a jeito dengoso, de mulher fatal, reclamou ajuda: "Me acuda, veja de perto o que tenho no olho! um argueiro!"

E lá se foi o Joaquim Alves da Mota, investido de enorme boa fé, a tentar minorar o proposto sofrimento...

Não conseguiu. E no pelejar, no vai daqui vem de lá de homem e mulher, ambos de pé, frente a frente, o cumpadre de meu pai desconfiou: a marafona encenava a pretexto de exibir-lhe os opulentos atributos físicos, a peitança bastante generosa.

O "compadre Mota", criatura bem casado, recuou. E diante da cena inconveniente, afastou-se da vizinha, e retornando ao interior da casa, dizendo, de forma não muito cortez, que "a senhora se cuide só, não sou doutor..."

A cartomante não gostou nada.

Desadorou ver-se recusada pelo homem a quem se oferecera com tanta boa vontade. E logo "armou" (como se diz por hoje: plantou) que o vizinho a importunara, era atrevido, bolinador de mulheres indefesas. E deu queixa a um delegado, que pelo visto, não gostava apenas de baralho... mas de cartomantes sensuais...

Para encurtar; não fosse a solidariedade do João Pereira, do Dr. Nazareno Pires, de "seu "Cavalcante, do Chico Silva, que se prontificaram ir à delegacia testemunhar em favor do inafortunado Joaquim Alves da Mota, este teria dormido no xadrez uns três ou quatro dias...

Os moradores da Imperador foram a forra.

Fizeram esquema de repúdio à atrevida.

E até um carro, Chevrolet "pavão", que levou à porta da marafona, dama da sociedade, teve os pneus esvaziados...

Não tardou, com mais um mês se muito, a má vizinha sabendo-se repudiada por todos, como se diz em linguagem popular "pedir para sair". Desapareceu como por efeito de ato demoníaco...

E do episódio ficou apenas a história sempre lembrada da mulher que quis conquistar o homem errado, na verdade o mais virtuoso varão da Rua do Imperador.

Joaquim Alves Mota

16

HAVIA consenso: conversa fiada, de passar o tempo que, pelos anos trinta, não corria, se arrastava, só na calçada do João Pereira Campos, à noite, depois do jantar, servido às 18 horas..

Incrementava as reuniões a existência de café forte, sem mistura, o Pery (desse mdo nomeado no pacote branco de letras verdes) produto fabricado pela torrefação de propriedade do dono da casa.

E como todos gabassem não apenas o esmero da fabricação, mas a bebida feita ao ponto (o que queria dizer bem passada pela Rachel), não faltava a presença, a tanto, daquela esplêndida bandeja muitas vezes por mim relembrada pelas ramagens e passarinhos voando no redondo do metal (seria flandres?), valioso utensílio que sustentava balouçantes (as colherinhas retinindo nos pires) as invejáveis xícaras de porcelana de minha mãe (prêmio do chocolate Toddy).

Mulheres só compareciam à roda, quando algum evento estava para acontecer, o que ocorria raramente, quando as aproximava o mês de maio, àqueles dias o mais prestigiado pelas religiosas.

Em verdade, a confraria da calçada assistia apenas ao acerto final das providências, pois no percurso da semana as senhoras da vizinhança já haviam acordado o dia que tocaria a cada uma das casas, e as obrigações, ficando estabelecido o início das rezas logo terminado o jantar, pois os maridos por nada aceitariam perder a prosa da calçada.

A da casa do João Pereira convertia-se às vezes em assembléia para decisões comunitárias. Recordo noite em que foi discutido se valia ou não a pena continuarem pagando a mensalidade do serviço de vigilância noturna do quarteirão.

Para uns, como o "seu" Victor, da RVC, personagem sempre invocado por mim, o "vigilante noturno" só se lembrava de apitar, de hora em hora, ao final do mês, e isso a fazer crer marotamente a eficiência do serviço prestado.

Do dia cinco em diante, até alcançar a última semana do mês, o vigilante parecia morto. Só de raro em raro um ou outro trilado de apito.

Mas acho que queriam todos ocorressem as coisas exatamente dessa forma, pois só assim tinham motivo, pelo menos uma vez por mês, de discutir (e tinha de ser na calçada) se deviam ou não continuar com o contrato.

E ao outro mês, como mencionado, entre uma xícara e outra de café, acudia fatal a discussão do problema. A Rachel tinha razão de se manifestar a respeito, mesmo repreendida por minha mãe:

– Detesto tambor e apito de guarda. E esses guardas que fazem vigia... Mal abrimos a porta, de manhã, querem café e pão...

Entrava e saía mês, e tudo continuava do mesmo modo. E até quando nos mudamos da Rua do Imperador, para o Alagadiço, perto da Igreja de São Gerardo, o vigia noturno tinha o mesmo vezo: só apitava quando o mês estava para acabar...

A porção de terra, por onde se assentava a estrada (por então empedrada em muitos pontos) de Fortaleza a Uruburetama, antigamente, no trecho que presumo situado de Otávio Bonfim à Escola de Agronomia, denominava-se Alagadiço Grande. Decorrente daí o topônimo, já simplificado (simplesmente Alagadiço), para nomear o bairro que, pelos anos trinta, tornar-se-ia São Gerardo.

Tomo a informação ao Des. Álvaro Gurgel Amaral, estimulado por declarações do eminente médico Vandick Ponte, animado a definir o quadro social e ecológico do tradicional sítio, onde, a seu ver, dois conceitos urbanos ali se exercitaram: o de cunho rural, representado pela estrutura hídrica da área (levada, baixios), a atrair os que vindo dos sertões – como ocorreu com o meu pai adotivo, João Pereira Campos – possibilitava o resgate da paisagem interiorana perdida. E o citadino, vocacionado pelos terrenos lindeiros à Avenida Bezerra de Menezes, com todo um elenco de boas oportunidades para a ereção de casario que, em pouco mais de vinte anos, se senhoreou do local.

Do lado direito da antiga linha de bonde (hoje ocupada pelos serviços de ônibus) podiam-se ver repousantes propriedades (a vezo sesmarial) de pouca largura e considerável extensão, todas a aproveitar a corrente (o ribeiro) que morosamente, atravessava o local. Era caudal engrossado pelos invernos, a favorecer a fundação de verdejantes baixios nutridos de gramíneas e outras plantas aquáticas.

No século passado, comum o se fazerem tapagens no curso do ribeiro, não de raro, ocasionando transtornos aos desfrutantes do manancial, razão pela qual o Código de Posturas de Fortaleza (de 1870), em seu artigo 49, advertiu estarem obrigados os “proprietários de terras do Alagadiço Grande” a erigir “sangradouros nos açudes ou tapagens” (...), “segundo a força do inverno e condições” das águas represadas.

A meu ver, o crescimento do bairro tem início na marca dos anos 1931-1932, pois até antes – basta olhar e ver a planta elaborada na

administração do Cel. Tibúrcio Cavalcante – entre Jacarecanga e Alagadiço são mínimos, para não dizer raros, os indicativos de ocupação imobiliária.

Em 1948, vale mencionar, na administração Acrísio Moreira da Rocha, foi estudada nova planta para a cidade de Fortaleza, prevendo uma Avenida Canal para aproveitar e disciplinar o talvegue (levada) do ribeiro que marca aquelas propriedades, à direita da avenida principal do bairro.

Nada disso foi feito, mas o bairro, não mais que em duas décadas, foi ocupando todos os espaços vazios ofertados pelo antigo Coqueirinho, formando inclusive a Parquelândia, que é outro bairro...

Os que vieram fundar suas residências do lado esquerdo da Av. Bezerra de Menezes, em pouco tempo, eram moradores mais urbanos, gente de classe média bem dotada, a abranger advogados, médicos, empresários, comerciantes, padres etc.

E mais não conto, que o espaço é curto e a memória bastante ingrata.

A chegada de Orlando Silva, em 1942, a Fortaleza. Ele, de óculos escuros, e ao lado, de branco, João Dummar, o autor, o quarto à esquerda, de perfil.

17

QUANDO O João resolveu mudar-se da Rua do Imperador, utilizou estratégia de deixar a rua e os vizinhos... sem a sensação de rompimento brusco, incordial.

Engendrou longa história: o médico da família (o Dr. Antônio Justa já havia morrido. Que outro doutor era?) recomendara-lhe residir em bairro afastado, em sítio onde houvesse mais espaço para a livre respiração de seus pulmões afetados, – informação que não correspondia à verdade – pelo pó e fumaça da torrefação do Café Peri.

E desse modo praticamente em tranqüilo domingo, pela manhã, quando todos optava por dormir até mais tarde – os Cavalcanti, Victor, Nazareno Pires, Dr. Holanda, Chico Silva etc –, o João partiu com a família, de mudança, para a segunda seção da linha de bondes do então Alagadiço.

O menino já taludinho, mais para rapaz, pensando em namorada das tais que faziam pega-rapaz na face, adorou.

A nova casa estava afastada uns dezoito metros, da rua, por onde trafegavam bondes e ônibus. Não era local ermo. Tinha vizinhos, não subordinados àquela estrutura sentimental, transcorrente anos a fio na Rua do Imperador, pois não se viam rodas dessa calçada nesse trecho da Bezerra de Menezes.

Vizinhos, vem ao caso contar, gente como o Dr. João Mota, casado com D. Estefânia; filha do A. C. Mendes (fundador do jornal "Correio do Ceará"); Dr. Rocha Lima, pediatra de muito respeito, cuja esposa todo mundo a tratava de D. Filhinha, grei elitizada que não se permitia, pela importância, sair de casa para sentar em calçada alheia..

As damas, ora nomeadas, matriarcas compenetradas, cheias de vontade, eram respnsáveis por jocoso julgamento de partes das pessoas simples do bairro:

"Aqui, no Alagadiço, só existem dois "homens": D. Filhinha e d. Estefânia Mota."

Na casa do Dr. João Mota – chiquérrima – como se diz por hoje –, havia sala de jogos, com bilhar para a família divertir-se, tal qual eu lera em cena de romance inglês. Em Pacatuba via-se mesa de bilhar instalada apenas em casas próprias de diversões, ou nas mercearias mais afreguezadas do quadrado do Mercado Público.

Eu nem queria acreditar no que via, um bilhar daquele tamanho... e de graça!.

Em frente de nossa casa morava o irmão do Des. Feliciano de Athaide, pai de meu amigo, hoje juiz aposentado Francisco Austregésilo. A família numerosa enchia a casa e o salão paroquial, onde dois anos depois, se muito, corriam os espetáculos do Teatro-Escola Renato Viana.

Havia moça, nas proximidades, criatura de esmerados dotes musicais – como se dizia: Diva Picinini (nem sei se escreve assim, ela me perdoe), criatura sempre disponível a interesse de disciplinar minha voz.

A criatura achava-me talentoso, e à conta disso me preparou (dizer ensinou-me cai melhor), mais de uma vez, para o primo Artur Eduardo Benevides, e eu, em dupla, se apresentamos cantando "Meu limão, meu limoeiro – Meu pé de jacarandá..." no palco do salão paroquial.

O Benevides fazia a primeira voz e eu, metido a baixo profundo, entrava com a segunda...

De noite, alguns vizinhos (pessoas da casa do Aparício Façanha, e mais a família do Austragésilo... e eu, acidentalmente, ficávamos embaixo dos ficus-benjamins, conversando nem sei o quê, e eu estranhando, falo de coração, a ausência do maquinista Victor que, na Imperador, enchia o meu pasmo com as histórias de trem descendo a ladeira do Itapaí.

18

A BEZERRA DE MENEZES (com poucas alterações físicas ainda se conserva da moda como era nos anos quarenta), avenida comprida e bastante larga. Logo depois do Instituto dos Cegos, casarão à direita de quem demandava rumo ao fim da linha, antes da chamada segunda seção dos bondes, tinha-se em fileira, grupo de bem frondosos ficus-benjamim.

Posso até dizer que essa arborização começava nas imediações da casa onde morava amigo meu (por hoje já falecido), Abelardo Barbosa, residência a defrontar a casa da família Maia, onde ficavam na garagem os ônibus.

Ao lado da Igreja, mas muito ao fundo e distante da linha do bonde, plantava-se simpática e muito agradável a vivenda da família Gaudioso Bezerra de Lima (?).

A dona da casa, mulher exuberante de corpo, punha abrangente simpatia quando sorria, riso que medido dava meio quarteirão.

E por diante da casa o campo de treino do "Penarol", time em que me exercitei, com todas as minhas deficiências, na figura de goleiro do segundo quadro, com direito em momento, para mim histórico, de ir ao campo do Prado, em partida disputada à noite, na condição de reserva do Capotinho (Ademar Nunes Freire), um dos maiores jogadores de futebol, do Ceará, nessa posição.

O Dr. Abdenago Rocha Lima, como mencionei antes, morava mais ao final da linha, em imponente casa assombrada.

Imponente mesma. No salão de cima, o Manuelito (eu) ainda de cabelo alisado com brilhantina "Bandeira", foi con-

vidado pela Alaíde (Alaíde ou Laís?) para dançar "la-conga" e outras danças que começavam a fazer moda.

Não demorei mais que uma hora no salão, terrivelmente sucumbido pela classe das pessoas ali presentes, gente da boa sociedade, não apenas rica, educada (posso garantir ainda hoje) e, o que era mas desconfortante para mim, melhor indumentada do que eu.

A moça, a Alaíde, tão magrinha, mas esbelta como convém a quem tem classe, lastimou-se quando me surpreendeu saindo à francesa:

– Já vai? Faça isso, não! Queria tanto dançar com você!

– Meu dente... – menti.

Nada de dor de dente, nada. Mas desde esse dia, aprendi que desculpa de dente doendo às vezes nos tira de certos embaraços...

Conto por diante: havia também a família Veríssimo. Vizinhos importantes.

E fruto dessa boa gente a Jucileide, que não tardaria casar-se com amigo meu, o Dr. Rui Firmeza (não o vejo há anos!) –, e ela, a esses dias colega de escola (Dorotéias?) da Heldine, então jovem estudante, e que, anos depois, tornar-se-ia minha esposa.

O pai da Jucileide comerciava livros. Dono de sebo, talvez espaço para negócios menor que o dos irmãos Gurgel, também bastante freqüentado por mim.

Foi na loja do "Seu" Veríssimo (onde se podiam ver livros pendurados como frutas), que comprei o meu primeiro livro de segunda-mão, as aventuras de autor de meu agrado: Emílio Salgari.

Embora já me enfronhasse na literatura de bons romancistas nacionais, como todo moço à época, não perdia os fascículos das obras seriadas de Conan Doyle ou livros de Júlio Verne.

Para trás, tinha ficado (e bem ficado na Rua do Imperador) a adorável fase do "Tico-Tico" e das lapinhas...

19

PARA falar em vizinhos, principalmente os de minha convivência no Alagadiço (São Gerardo) tenho de referir ao sentimento de solidariedade que todos, os dali e sem exceção, prestaram durante muito tempo aos fundamentos do Teatro-Escola Renato Viana, grêmio de amadores muito bem sucedido a inícios dos anos quarenta.

Eram eles os tantos abençoados moradores do bairro, que lotavam a casa paroquial onde duas centenas de cadeiras conceituavam a idéia de platéia de teatro, casa de espetáculos que, antes, funcionara aos fundos da igreja, numa improvisada construção ção praticada pelo então Pe. Expedito Eduardo de Oliveira, um obstinado apreciador de música, teatro, jogo de futebol e cigarros, e nesse caso os apreciados "Regência"..

Depois sucedeu a reforma do salão e, em seqüência, foi erguido um palco, de modo definitivo, o que passaria a ser ocupado pelos artistas amadores, muito a gosto do vigário, meu primo, desfrutando o grupo um campo adequado para as encenações programadas aos sábados e domingos.

O bairro comparecia em peso.

Não faltavam os de mais dinheiro nem os de pouco valimento. Até os que sofriam de bronquite crônica, e nesse caso entra o pai do Juiz Austregésilo (juiz ou coronel?), obrigado muita vez a desertar da platéia, quando já não podia controlar o acesso da tosse.

Ah, muito penoso, triste mesmo, ver o respeitável espectador bater em retirada, deixando pelo meio a apresenta-

ção, por exemplo, de peça como "Onde Canta o Sabiá", de Gastão Tojeiro.

Eu pintava as tabuletas de anunciar os espetáculos; duas ou três. E o Maciel, ainda vivo (está sempre participando do programa do Zeudir Queiroz, da Ceará Rádio Clube) tomava a si a incumbência de ir fixá-las na praça de Otávio Bonfim.

Dali, do local mencionado, e também do final da linha onde morava o Manoel Braga Barroso, o Deca, acudiam pessoas para ver os artistas do bairro, a "troupe", como se dizia, enriquecida com mais valores, gente do porte de Artur Eduardo Benevides, William Alcântara, José Júlio Barbosa, Clodomir Cumaru, Zuila Barbosa Lima, todos dedicados às artes cênicas.

O "ponto" era o próprio vigário, decentíssimo pastor que depois merecidamente tornou-se D. Expedito Eduardo de Oliveira, Bispo de Patos.

Na proximidade do assunto, vale lembrar: certa vez o Ernani (foi presidente do BEC), tendo tomado umas e outras, meteu-se sob a cúpula do ponto, a fazer caretas para os que estavam em cena, representando. Em decorrência os atores e atrizes desandaram a rir, transformando a peça, um dramalhão tipo "Os Dois Sargentos", em inesperada comédia.

Alguém, não sei se o Artur Eduardo Benevides ou o William Alcântara, teve que se enfiar embaixo do palco e puxar o histriônico "ponto" pelas pernas...

Era o pasado, passou. Assim dizia Antônio Bezerra.

Cartaz do momento
Domingo 9 de Novembro de 1941
A's 19/45 horas
Teatro São Gerardo
Ingresso 2$000 e 1$000

Aguardem Brevemente
ESCANDALOS DE SÁIAS
Uma nova comedia de
EDUARDO CAMPOS

Falta uma estrela no Ceu

O TEATRO ESCOLA RENATO VIANA lançará mais outro sucesso de
EDUARDO CAMPOS
Romance cenico em 3 atos e 7 Capitulos
"Falta uma Estrela no Ceu" Surpreenderá a todos.
Enredo original, movimentado e vivido numa lição de moral
Cenoplastia Deslumbrante. Efeitos de Luzes.
Maravilhosa interpretação do Teatro Escola Renato Viana

Eduardo Campos

Volante anunciando peça do autor.

20

NÃO HAVIA cadeiras na calçada, no Alagadiço. No entanto os vizinhos – como referi antes – eram conversadores, cordiais, e muito ligados aos interesses religiosos da comunidade, gente que não faltava ao que hoje se pode considerar "promoção", iniciativas em favor da paróquia.

Assim, davam-se quermesses...

Ah, as alegres e concorridas quermesses de São Gerardo!, respaldadas pelo prestígio do Pe. Expedito Eduardo de Oliveira, e animadas por minha prima Alice, irmã do sacerdote.

A senhora D. Estefânia Mota, filha do fundador do "Correio do Ceará", como já lembrei, morando perto, fazia questão de estar à frente da organização das atrações da festa. Os filhos (Fernando e Álvaro, de minha idade), eram tidos ali (e com procedência) moços abonados, em função da bem afreguesada vacaria do pai, Dr. João Mota, estabelecimento bem cuidado e que acudia a entregar leite de qualidade aos moradores do bairro.

A quermesse instalada no campo de futebol do Penarol, ao lado da igreja, programava-se para durar uma semana, mas para atender a "insistentes pedidos", acabava prolongando-se por mais sete dias.

Em moda, de forma particular, as disputas dos dois partidos: azul e encarnado. Ambos porfiavam para a eleição da rainha. Sob essa legenda eleitoral azedavam-se os ânimos dos freqüentadores, e não de raro uma ou outra briga, conquanto estivesse interditada a venda de cachaça. É que os que iam ali comer churrasquinho, enchiam-se de cerveja.

As mulheres tomavam guaraná. Os meninos chupavam picolé, ou se entretinham jogando argolas, a arrematar bolas, apitos e carrinhos. Não, não tinha coca-cola....

Temia-se muito que o Volmar Barroso, esportista de físico exuberante, um dos filhos do Deca Barroso, de repente fossse surgir (e assim alardeavam os maldosos) para acabar, dando pancada, a quermesse.

Embora, em algumas noites, houvesse até quem confirmasse a ameaça, o rapaz jamais se apresentou para tumultuar a festa, o que autorizava a alguns comentarem o fato anunciado como intriga dos promotores da quermesse de Otávio Bonfim....

O Penarol, em sua sede improvisada, ao lado da Igreja, promovia festas de carnaval. Ali dancei (pela primeira e última vez) uma noite de carnaval. Por volta da meia-noite já estava com sono, e aborrecido pelos debiques, se não estou enganado, da Zélia Gaudioso. Decididamente, não nascera para ficar acordado até tarde da noite...

Assim, sem dormir, só em velório de parentes que me tocam fundamente o coração.

Valdemar Caracas

21

TENHO boas e más lembranças de fatos e vizinhos do Alagadiço. A começar por algo triste, inesperado. Certa noite, a desapear de automóvel, diante da própria casa, a Parca tirana ceifaria a vida do pai de Abelardo Barbosa.

Esse, um bom amigo, rapaz sério, a se projetar depois no comércio de balanças, e, àquele tempo, um dos melhores jogadores do Estudante Futebol Clube, meu clube.

O Mauro Botelho jogava conosco.

Do mesmo modo o já com Deus Alberto Benevides, irmão do poeta Artur Eduardo Benevides, ambos meus adorados primos. O primeiro igualmente poeta.

Treinávamos no Campo do Coqueirinho, espécie de "terra sem dono" àqueles dias, sítio baldio e perigoso como lembrava a crônica policial desses dias, avistado diante da sede da Secretaria de Agricultura, na segunda seção dos bondes, a contar da sua fachada, em direção ao sertão, uns trezentos metros.

Ali dei de cara várias vezes (e depois mais vezes durante minha vida), com o Dedé de Castro, jogador abusado, duraõ. Exímio em dar canelada, como se dizia. Tinha o time dele, e nunca perdia para o que eu dirigia e cujas reuniões de "diretoria" corriam em sala em nossa casa.

Certa vez altercamos e foi preciso todo mundo baixar a voz. Em quarto contíguo a esposa do Joaquim Alves da Mota, D. Ester, dava à luz a uma criança. Nascia a Yolanda? Nem posso lembrar ao certo.

Vizinhos amáveis, curiosos, viam-nos aos domingos partir de caminhão para jogar nas proximidades de Caucaia, então Soure. Ali, fomos levados de outra feita, como discutíveis "Filhos de Maria", a um banho em lagoa (no Genipabu, porção maior do reservatório de propriedade do pai do Abelardo Barbosa, e hoje imóvel do empresário Júlio Pinto).

Festejávamos evento religioso em piquenique de jovens virtuosos, sob o comando de Sebastião Carvalho, moço altamente recatado, temente a Deus, como se dizia, e puro.

Pois bem, estávamos como convém a criaturas comportadas, quando, a um repente, a roncar, não longe, o motor de automóvel. E logo-logo, em seguida, dão-se histéricos gritos. E do carro, que viera estacionar perto de nós, pobres e desavisadas criaturas, desembarcam trêfegas mulheres aos gritos, inteiramente despidas.

Em vão o valoroso defensor do Bem, Sebastião Carvalho, qual heróico defensor bíblico, tentou subtrair-nos à visão aquela cena paradisíaca, estendendo toalhas de banho à feição de biombo, para que não fôssemos contaminados com a inesperada presença das pecadoras.

– Não olhem, não vejam! É pecado!

Deu-se então o pandemônio, como conto por agora. Mulheres nuas são simplesmente mulheres nuas.

Depois de tanto tempo, só me resta agora, de modo erudito, repetir aquele verso de Camões em curiosa passagem da Ilha dos Amores, que, enquanto vivo, gostava de me repetir o Prof. Sobreira: "Que caça estranha, disse, é esta..."

Não dissemos, olhamos. Olhamos e vimos.

22

TRÊS AS IRMÃS: Antonieta, Stella e Maria Alice. Todas três bonitas.

A do meio, mais gorducha, por esses dias (1940), tinha defeito na vista. Estrabismo? Talvez. Eu olhava e não a via, senão à pressa, a não me conformar com o globo ocular de visão estranha.

Mas veio dia – eu ignorava os avanços da oftalmologia –, me assustei feliz. Lá estava a mocinha Maria Alice de novos olhos, os de ver pessoas e coisas como eu queria que ela os visse.

A moça – note o leitor como o mundo é pequeno – casou-se, o tempo correu, é mãe do Sérgio Braga, meu vizinho parede e meia na Vicente Leite.

Tempo bom, semeado de pessoas boas a ver os outros pela óptica da solidariedade. Adorável gente que morava ao longo dos trilhos de bondes do Alagadiço. Criaturas que não obstante enquadradas na compreensão exata de "vizinhança", conceito em que eram tidos os da Rua do Imperador, sabiam relacionar-se entre si.

Nadja, em russo, quer dizer esperança.

Pois bem, minha colega no Ginásio Fortaleza, chamava-se assim. Casando, foi morar antes da Segunda Seção do bonde, em bangalô, a construção em desenho mais avançado que o do formato das casas maiores e vistosas em que viviam pessoas como a família Albano.

Ali, mais tarde, foram morar os pais, nem adivinham! Do hoje médico e poeta Pedro Henrique Saraiva Leão.

Em tempo de rapaz eu aprontava, cheio de astúcias.

Nesse Alagadiço, para me encontrar com ex-namorada, que estudava arte, fui também tomar aulas de pintura na mesma escola então regida por simpática professora (e também alcoviteira), e me fingir estando ali "só" pelas artes plásticas...

A esse tempo dizia-se que a pessoa estava "roendo" a ver-se descartado pela namorada, algo a significar a "dor-de-cotovelo", hoje aludida.

Todos se conheciam nas viagens principalmente em ônibus. É de bom-tom viajar nesse tipo de veículo da família Maia.

De certa vez subindo à pressa, pisei o pé de pedinte. O dito pé, em minha má sorte, com ferida crônica, algo assim.

Fiquei refém dessa ferida, do homem e dos encargos de tratamento do pé molestado.

Tinha de carregar trocados, enquanto perseverava incansável a minha vítima, poço sem fundo, a me exigir mais, cada vez mais.

Às tentativas de me livrar da terrível extorsão, punha-se o homem a choramingar: "Moço sem coração! Não vê que não posso andar? E as dores, dor ninguém vê..."

Um dia, o terrível esmoler evolou-se, que desse modo escreviam necrológios os contistas antigos.

Mas confesso hoje.

Depois, a vez em que ia subir ao ônibus, sentia falta do desgraçado do doloroso inquilino da minha piedade forçada...

23

ANIMO-ME hoje a encerrar as minhas rememorações dos dias – e já vão bem longo – que vivi então no Alagadiço, depois e até hoje São Gerardo.

Muitos de meus amigos foram levados pelos anjos ciumentos para a beatitude celestial, restando aos vivos – a nós, pobres criaturas que ficamos como refém da morte – a certeza de um reencontro a qualquer momento...

Desse modo referi antes, creio, a lembrar o Abelardo Barbosa, moço de bons princípios, e dessa forma nas subidas e descidas da vida; e nele foram mais subidas...

Na confraria de Deus, ou nos desvios de meu esquecimento – e não o faço por ingratidão – muitos infelizmente desapareceram, como a respeitável (e integralista) Zuila Barbosa Lima.

Dela não posso dizer estivesse enquadrada na categoria de vizinha, mas não faltava aos acontecimentos sociais do bairro, destaque certo nas peças do palco Teatro Escola Renato Viana, ao lado de José Júlio Barbosa.

A Stella Braga Barroso, a Stellinha, foi para o Rio de Janeiro, pelo final de 1943, portanto em dias de guerra, quando as viagens não mais praticadas por mar faziam-se então em aviões da NAB, em rota traçada pelo interior do país.

A moça, bem sucedida, acabaria casada com compenetrado oficial da Marinha, Fernando Macêdo, que, pelos anos sessenta veio comandar em Fortaleza a Escola de Aprendizes Marinheiros.

Esse um detalhe de história mais perto de nossos dias...

Naqueles anos, os de guerra, tinha-se direito a ver o Blimp sobrevoando a Escola de Agronomia ("Quantas vezes já passou? Duas? Será que viu algum submarino?") o Coqueirinho, embora ícone de perigo (só às noites, diziam), tinham lá uns encantos de gleba sertaneja, coisa assim, as casas por lá distanciadas umas das outras, tudo muito sertão.

O carnaval acabava de dar aos brasileiros a "Amélia", de Ataulfo Alves. Nesse tempo fiz amizade com vizinho, a morar perto de Otávio Bomfim, José Martins Timbó, filho de Ipu.

Moço aprumado na vida, comerciante.

Negociava com achas de lenha, proprietário de "depósito" (assim mesmo mencionado) instalado nas imediações da estação do trem.

José Martins, Neuza e Eduardo Campos.

Namorava a Neuza; casou com a Neuza, a Neuza baixinha, rechonchuda. Criatura agradabilíssima, morava na última seção da linha do bonde...

Ambos viajaram, não de bonde, nem de trem, nem de avião... Ela partiu primeiro, arrebatada por traiçoeiro truncamento de coração. Depois, foi a vez de José Martins, modesto mas brioso vereador: chegou a ocupar a presidência do legislativo municipal. Até deputado foi...

Fizemos viagens juntos a Ipu.

Tenho foto desse tempo. Nosso indumento, um bem recortado macacão. Tinha bolso por toda a peça. Estava em moda.

E era, creiam-me, terrivelmente "brega..."

No final da década de 1940-49, os homens deixaram de usar chapéu, moda que vinha decaindo de ano para ano. Gente moça usava macacão em viagens e passeios. Desse modo fui a Ipu, acompanhando velho amigo, José Martins Timbó. Mas até esse tipo de roupa durou pouco. Logo chegaram os "slakcs", ou silaques, fabricados sob a marca "Dahra", em Fortaleza, e vendidos com exclusividade pela loja "A Cruzeiro".

Raras as pessoas de pijamas, mesmo em casa.

Ninguém podia prever que as alterações na moda, anos à frente, acabariam marcando a maneira de vestir das pessoas. No percurso dos anos cinqüenta já se podia ver empresários, como Ignácio Gomes Parente Filho, Edson Queiroz, irem a bancos ou estar em seus locais de trabalho vestindo calça e silaque...

Ao que interessa, conto como viviam, conversavam e se entendiam os vizinhos, no início da década de quarenta, no Alagadiço, bairro que passara a se denominar São Gerardo; e em Mondubim, onde valiam os banhos na lagoa ou no rio Siqueira, esse ainda descendo de águas barrentas, mas não poluídas, por ocasião das grandes chuvas do mês de abril...

24

CREIO QUE contei antes: quando minha família saiu da Rua do Imperador, para ir morar no Alagadiço, percebível o comportamento dessa adorável entidade social chamada vizinhos, a que tanto estimo.

Em verdade ali, em São Gerardo, não se efetivavam mais as tradicionais rodas em calçadas, pelo menos ao longo do percurso da Avenida Bezerra de Menezes, notadamente na área que nos dizia respeito, da segunda seção ao final da linha de ônibus.

A convivência teria percurso de afeições a modo diferente. A amizade, a reciprocidade de relações entre famílias, tinha peculiaridades ditadas (só mais tarde fui compreender) pelo desenho físico, urbano, do próprio bairro.

Indo daí, anos depois – e já estávamos ao meio dos anos difíceis da guerra –, morar em Mondubim, tanto os meus pais como eu fomos experimentar outra vez o aconchego, o diz-que-diz de conversas em calçadas, principalmente em residência como a nossa, polarizadora das amizades que se alinhavam parede e meia, residências edificadas em função da linha férrea, fator identificador da vocação do burgo.

Havia vizinhos de todas as dimensões, desde o Valdemar Cabral Caracas, casado com a diligente Anete, pais da encantadora Vanda – então meninota arisca, que fugia de mim a me ver falando alto, como se ralhasse (o que não acontecia), mas certamente deseducado. E continuando, mais gente amiga como o Carlos Moreira (severo contador à anti-

ga), “seu” Oscar, agente da estação ferroviária, ícone modelar dos fumantes de charutos, refinado em tê-los quase sempre apagados aos lábios (mas não fétidos), mínimos charutos, marca registrada de sua pessoa e de perseverarnte vício.

Não faltavam também morando nessa ala de casas outros funcionários da RVC: a exemplo o Nonato, criatura que gostava de olhar e ver o mundo da janela da casa; e nesse rol um especial membro da família Brasil, profeta de chuvas, como chamado carinhosamente por todos, o Modestinho, criatura estranha sem dúvida e perdido em nosso mundo de maldades, e assim mesmo preocupadíssimo com os sinais do tempo, a se promover de adivinho das condições meteorológicas.

Dias esses nutridos de vizinhos que se podiam encontrar, depois do jantar, para conversar, abastecidos a cada quinze minutos, se tanto, do perfumado café “Peri” passado pela Rachel, e levado aos tais palradores não mais naquela bandeja (vou morrer mas não esqueço!) de passarinhos voando entre galhos de trepadeira florindo, da Rua do Imperador, mas noutra, já atualizada para o tempo, cujo fundo espelhado multiplicava xícaras, açucareiro e bule...

À passagem do trem os homens se calavam. Parecia poema do Carlos Drummond de Andrade...

Quanta perplexidade diante do comboio.

Podia ser mero cargueiro. Trem era trem para os que moravam em Mondubim a esses dias. Valia vê-lo passar com a mais respeitosa das atenções.

Festa de aniversário, em Mondubim, 1941. Vinham pousar todos na calçada, para aproveitar a luz do sol. Aí, amigos, vizinhos, também amigos, e os pais do autor.

25

DISSE-LHES, da vez passada, nomeando as pessoas da rua onde moramos ao redor de uns quatro anos em Mondubim. Mas devo relatar, e sei que a minha memória talvez não me ajude, o rol dos que habitavam mais adiante, ou mais precisamente, do outro lado.

Esse outro lado na verdade tinha (acho que ainda tem por esses dias) poucas residências.

Sei ainda, e bem, que na esquina da pracinha, onde se davam as animadas quermesses dos anos quarenta, punha-se de pé a mercearia, aliás bodega, do Chico Marinheiro. Melhor escrever Chiquinho Marinheiro. A alusão náutica, aí, por ter o dono da venda descendência lusa...

Era de meia altura, bastante sangue às faces, muito educado, mas ainda mais entusiasmado às libações etílicas.

Vez por outra, passando das doses (exagerava na bebida), ameaçava (só ameaçava) vulnerar a paz do lugar.

Gritava alto, a prometer fazer o que nunca fez, e depois ia-se acalmando, ficando bom e sonso, e desse modo a pracinha refluía do susto, a bodega retomava o ritmo de bons serviços prestados à comunidade, e a vida igualmente seguia seu curso: a mesma placidez de rio correndo sem queda d'água.

Mais para frente – rememoro o situamento das casas – em prédio a facejar a praça, e quase vizinho do dono da bodega, morava o Sr. Quevedo. Nesse dito imóvel, ou em outro próximo, logo depois foi habitar a família Galileu Taumaturgo de Alencar, meu tio afim, casado com minha tia Noêmi, e mais duas filhas moças (Lenir e Avanir), a última de mais idade, praticamente fazia companhia a Isabel Eduardo Campos, que adorava sobrinhas perto, para conversar.

Nem preciso dizer: éramos primos. O filho mais velho, o Dr. Joaquim Eduardo de Alencar, falecido há uns dois anos, foi o primeiro médico que me atendeu ainda na Rua do Imperador. Tinha isso por glória.

Na mesma área da rua, a principal do lugar, firmada nesse lado estava adiante (mas distanciada da igreja) a mercearia do pai do Oscar Carioca. O estabelecimento vendia o melhor vinho de genipapo já fabricado à época.

Indo demorar ali, de férias ou algo assim, o Guilherme Neto me ensinou a degustar tão palatável bebida, a usar de tiragosto (o que não deixava de ser extravagância) a farinha (mas caroçuda) de mandioca.

Não sei se exagero, pois a fantasia persegue os que recordam o passado, mas esses dias íamos bebericar o tal vinho ao pé da gruta de fingir, que existia aos fundos da igreja...

Ali, muito sem jeito, mais para conversar do que para bebericar, esteve o Mestre Paulo Bonavides, já a esse tempo um moço mais para doutor do que para peraltices...

Os vizinhos dessa área tinham naturalmente suas rodas de conversa, e a essas não faltava, por exemplo, o pai do Luciano Carneiro. Homem bom, magro e sério: nem ligava, creio, para o desaparecimento dos botões de suas roupas, aproveitados pelo próprio Luciano para jogar futebol de mesa comigo.

Ah, o poeta tem razão! A saudade realmente dói...

26

MONDUBIM está perto de Fortaleza, e, se não exagero, era um quer que seja de interior, sertão pelo menos a esses dias de 1942. Mesmo fora do alcance dessa classificação, assumia a feição de povoação rural, no sentido do desfrute que se podia obter, ali, da natureza, uma selada cercadura ecológica por então enriquecida de bons ares que aliviavam, os pulmões de desventuras suspeitadas.

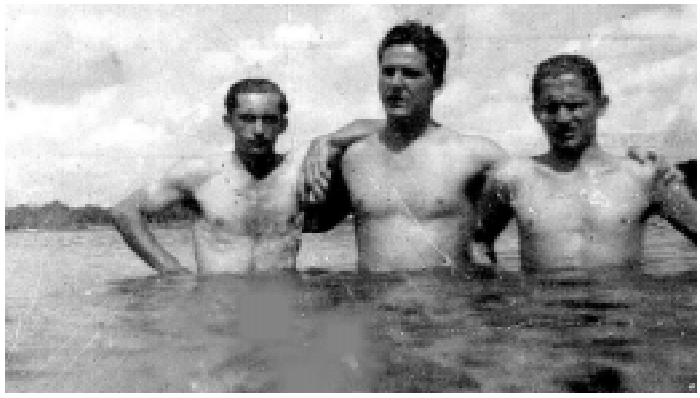
Tendo lido poema de poeta (cujo nome a modo ingrato esqueci), lavor poético comparando as desigualdades do lugar onde nascera o autor, com Nova Iorque, eu repetia-lhe o verso inspirado em Mondubim:

"Nova Iorque não tem esse silêncio calmo, esse silêncio de parque abandonado..."

Dormia-se bem no burgo encalmado, emoldurado por discreto casario alheio a ostentações de ordem arquitetônica. Estavam suas vivendas mais afastadas, às margens da ferrovia, e habitadas por pessoas bem criadas, e de destaque social, membros das famílias Rossas, Firmeza... ou Gondim...

Desses sítios privilegiados desciam, diariamente, em direção ao lazer – leia-se lagoa do Mondubim –, rapazes e moças desabrochadas em esplêndida juventude, os primeiros em plena puberdade, na face da pomada "Minâncora".

Antes de alcançarem o reservatório, o bando alacre dava-se a partidas de voleibol, ou de peteca, ou mesmo de futebol, despontando, mais que todos, o filho da pianista Maria de Lurdes Gondim, José Arlindo, atleta.



Banho na lagoa de Mondubim: José Martins Timbó, o autor
e outro parceiro da natação.

Pegado o inverno, o movimento em direção às águas da lagoa esmorecia em prestígio. Bastava soar o vocal na rua sobre o rio Siqueira, anunciado estar tomando água nas cabeceiras, a correr farto (ainda que barrento), para a juventude descompromissada acudir a banhar-se em sua torrente, nas proximidades de cerâmica, distante não mais de dois quilômetro e meio da pracinha do lugar.

O mundo todo e não apenas os vizinhos desportistas, de permeio com a vintena de moças e rapazes, das famílias já citadas, fazia procissão em direção ao tradicional banho.

Aqui vem hora de destacar personagem, o mais idoso de todos (devia andar pelos setenta anos), mas ainda muito disponível à pândega. E também para beber, cantar e dançar. Ou contar anedotas ouvidas prazerosamente por quantos celebravam as alegrias pela chegada da estação chuvosa.

Vicente Roque, seu nome. Certamente o mais respeitável dos participantes do divertido grupo. Cronista do quotidiano, presente às páginas da "Gazeta de Notícias", a contar ali,

em espaço de uma coluna, os acontecimentos sociais da época, sob mínima, resumidíssima assinatura: VR.

Só não acompanhava esses pândegos o poeta Mário Sobreira de Andrade.

Por motivos de saúde o poeta agrônomo ficava no burgo, e a disfarçar a decepção de não ir, a repetir alegre:

– Fico de guardião do lugar.

E era, com os seus sonhos e sua arma, a poesia.

27

NÃO ME perguntem em que dias do ano davam-se as quermesses em Mondubim. Não saberia precisar, agora, quando aconteciam. Mas ocorreram para meu deleite durante os quase quatro anos em que ali morei, pretensioso fumante de cachimbo e descarado exibicionista, a andar pela rua, o que incomodava os pais de meninos medrosos, tendo à corda um reluzente cão policial preto.

Assim acontecia, pois saindo do Alagadiço, perdera a companhia de meu cavalo branco "Tom-Mix", para passeio; mas continuava proprietário do cão, parceiro que me seguia, no bairro anterior, ao lado do cavalo, nas descidas até a praia, varando os fundos da propriedade (aprazível sítio com uma levada passando ao meio, a repartir virente capinzal...) em direção ao Açude João Lopes...

Bem, mas ali em Mondubim eu já estava mais adulto e mais animado com a quermesse que significava a presença de moças encantadoras, quais as netas do José Pinto do Carmo, e que me fazia repetir Camões, e improvisar versos de sonhador sem dinheiro.

As ditas criaturas, bonitas e bem dotadas brancosas dolicocéfalas, tinham todas o mesmo ar civilizado e igual comportamento de quem realmente está em gozo de férias..

Não vinham parar aí apenas as netas do rico empresário.

Surgiam amigas como a Mary Calmon, grandalhona e cheia de alegria, e que imitava, a risco de cair, as tantas moças que se arriscavam a pular do trem em movimento....

Nesse tempo andava por lá um rapaz – durante anos julguei-o mais moço que eu; não era – o hoje jornalista Ari Cunha. Não sei onde morava, mas possivelmente demorasse na casa – quem sabe? – dos pais do Luciano Carneiro.

Antes desses dias, os dos anos quarenta, vem hora de contar, meu pai de criação, João Pereira Campos, alugou casa do lado da sombra, posicionado ao meio da rua principal do casario.

Eu vinha saindo, com 14 anos se tanto, de forte pneumonia, e a terapia em moda, de médicos e leigos, aconselhava o paciente, como meu caso, convalescesse em Mondubim, de clima proclamado salubre.

Perseverava o comentário dos bons ares do lugar.

Havia quem discutisse um tal vento medicinal, vindo não se sabe de onde, mas bastante leve e solto, fluido, a correr em direção a Maracanaú.

Tinha o condão de restituir aos pulmões achacados a capacidade respiratória comprometida.

Eu me sentava na calçada da casa, às tardes, a contar os caminhões carregados de fardos de algodão.

Passavam, passavam, e eu contando; contando e tomando o ar da tarde, tudo tão calmo, um longo e silencioso tédio, pressentido mais tarde quando parava o desfile de caminhões...

Dormia-se com as janelas dos quartos entreabertas.

Por elas não entrava só a noite, mas o vento que curava.

Curava mesmo.

28

VIZINHO bom não olha por cima do muro para o quintal do outro. Não acha a mulher da casa, ao lado, nem bonita nem gordinha. E não permite à esposa escutar mexericos da empregada da amiga, o tipo de criatura que, sem querer mas querendo, fala da patroa, e acaba contando a vacilante penúria de almoços que prepara...

Do mesmo modo, desse ou daquele modo, nem todos os vizinhos podem ser dimensionados pela aceitação ao comparecimento à roda da calçada... Embora essa circunstância valia mesmo, a marcar ponto, em Mondubim, a efetuar-se depois do jantar, quando o freqüentador da roda, vindo ao longe, começava perguntando: "E então? Que se tem hoje de novidade?"

Dessa forma sucedia nesse burgo silencioso e hospitalar, onde viviam além daqueles indivíduos mais conhecidos, tradicionalmente donos do lugar – o Valdemar Caracas, o Arquimedes Fernandes Campos, o Joaquim Alves da Mota, o Chiquinho Marinheiro etc., etc., além das grandes personalidades que valorizavam o local mas não desfilavam na pracinha: o pai do Rui Firmeza, professor do Liceu; a Sra. Maria de Lourdes Gondim, viúva de prendas artísticas, pianista; o Dr. César Rossas, o Dr. Melinho e tantos outros...

Conversa de calçada só para os primeiros. Os outros, podiam ser importantes, eram. Vinham ter ali de férias, em vilegiatura. Não entravam na conta dessa convivência familiar...

Mas outros haviam, esses por razão diferente, de saúde. Vem ao caso contar agora: o sonhador agrônomo e poeta Mário Sobreira de Andrade.

A concluir o curso de Agronomia, posto na figura de exemplar orador de sua turma, proferiu um dos mais belos discursos que já li, palavras em versos e de exaltação aos cuidados da terra.

Mário, também mencionado como "do Norte", era doente de enfermidade a longo prazo, carregando frágil físico, a receio de golpes de ar e insidiosas oscilações do tempo.

Tinha jeito muito especial de movimentar a mão, a acudir à boca, carregando impecável lenço branco, o que me fazia lembrar personagem dos dramas de Alexandre Dumas, tal o refinamento em usar esse mínimo pano, marcando os gestos (e ocasional tosse, com meneios muito, mas muito mesmo, elegantes.

A roda na casa dele não rumorejava na calçada, mas em sala de visita, da própria casa, despida de formalismo de retratos às paredes, mas acudidas de livros largados em cadeiras e mesinhas.

Muita vez ali estivemos Artur Eduardo Benevides, Otacílio Colares, Antônio Girão Barroso, o romancista Cordeiro de Andrade (sobralense ilustre) e eu.

Eu me exibia, rapagão que fui (ai que saudade!), de olhos claros, cabeleira farta, artista. E sem o menor complexo, o poeta Mário de Andrade, miúdo e frágil contei antes – a fingir-se cheio de vigor, e dessa forma, a ver o trem passar (tem coisa mais bonita que trem de passageiros, desfilando diante de nós, com a gente transportada espichando a curiosidade pelas janelas dos carros?), me confiava baixinho, em proposta cínica, mas romântica:

"Que tal, Eduardo, se de repente a mais bonita passageira puxasse o tal "freio a vácuo", parasse o trem só para

poder descer e vir conversar conosco? Não seria o caso de brindarmos ao seu gesto com uma taça de absinto?"

E nada disso acontecia.

O comboio passando, passando passava; ia embora, a ficar distante a locomotiva (a 402?), menos ruidosa e nem por isso menos lembrada.

Eu tinha pena dele. E ele, de mim.

Éramos, sem que ninguém soubesse, não apenas dois incorrigíveis sonhadores, mas inconformada dupla de frustrados ferroviários.

O autor, Artur Eduardo Benevides (ao meio) e de escuro
o romancista Cordeiro de Andrade e o trem passando...

29

MONDUBIM estaria fadado a ser palco de patuscada campestre que a toda certeza ensejaria a fundação do chamado Grupo Clã, sem dúvida alguma a agremiação literária (cultrural e artística) de maior expressão do Ceará

O evento – que se poderá denominar de piquenique – deu-se em propriedade, aprazível sítio (chácara, como se dizia em romance antigo) da família Firmeza. O dono da casa, jornalista e mestre de conceito, havia sido meu professor no Liceu do Ceará.

O Estrigas, como conhecido desde então, "colaborou" para o preparo das iguarias, originando anedota das mais curiosas.

Como a coisa se passou comigo, conto agora por miúdo.

Indo ver como iam os preparativos do almoço, deparei uma trilha de grãos de milho partindo do quintal em direção ao banheiro da casa. E a um repente, avistei bem criada galinha vir papando o milho, grão após grão, e logo, mas logo mesmo, sumir no interior do banheiro.

Mais que ligeiro o Estrigas correu a fechar a porta do cômodo, e com a cara mais lisa do mundo, informou:

– Pronto, já temos a nossa galinha do almoço.

E assim foi. E acho que até hoje a dona da penosa não soube o fim de sua carijó de estimação.

Ao lado da caprichada panelada, que a Rachel preparou para o nosso comes-e-bebes, não chegou para quem realmente, como eu, apreciava galinha à cabidela...

Os intelectuais mais respeitáveis do Grupo Clã (o Benevides, atual presidente da Academia Cearense de Letras, os já falecidos Antônio Girão Barroso, Otacílio Colares, ao lado de pintores do porte de Atônio Bandeira, Mário Baratta, o próprio Estrigas, Aldemir Martins, adoraram a "galinha" do Nilo Firmeza.

Já quase no final dessa patuscada, creio que o Mário de Andrade (de quem falei na última crônica) ouviu o Estrigas despachar o empregado da vizinha. O moço, aflito, viera ver se a carijó, "galinha bem gorda de dona fulana", não estava por ali ciscando no quintal...

"Não, não estava, Mas se quisesse – ia-lhe dizendo o Estrigas – podia entrar e percorrer o quintal..."

Aliás, galináceos desapareciam com freqüência, em Mondubim, pelos anos quarenta, principalmente por ocasião da festa da Igreja. Falavam as más línguas que tudo era astúcia do Dr. Augusto Borges (ilustre cirurgião-dentista em veraneio no lugar), muito animado em pregar peças aos chamados "unhas-de-fome".

Muita galinha ofertada nos leilões da Igreja, por ocasião das quermesses, havia sido surrupiada do quintal de algum desses vizinhos miseráveis...

30

OS VIZINHOS não apenas, como no caso particular de Mondubim, sentavam-se nas calçadas para conversar, iam à pracinha – que ainda hoje lá está, um ícone de burgo provincial –, a animados e etílicos banhos da lagoa ou rio Siqueira.

E mais faziam: andavam de trem, pois o ônibus, àqueles dias do início dos anos quarenta, estava chegando ao lugar, de modo bastante irregular, inconvincente para quem gostava de viajar de trem.

Por isso o transporte ferroviário, da RVC, tomava significado sobremodo especial. Por assim dizer, sem que estejamos a exagerar, tornava-se desejável complemento da urdidura do relacionamento familiar.

No interior dos carros, e era quase sempre apenas dois os de carregar passageiros de primeira classe, acomodavam-se os mais conhecidos, íntimos.

O segundo carro todo acabava aproveitado pelos mais novos, gente que se distraía ao longo da viagem conversando assuntos de colégio (não havia a mania de cursinhos...); um rebanho de criaturas jovens, moços e mocinhas desabrochando possíveis paixões, ainda que efêmeras.

O João Pereira Campos, meu tio Galileu Taumaturgo de Alencar (esse, aos anos trinta, fazia o trem estacionar ou passar vagaroso em parada improvisada a men os de mil metros da estação de Mondubim, em área próxima aos fundos de terreno do sítio que tomara em férias); Valdemar Caracas (qual o meu tio prestigioso ferroviário), o José Osvaldo (carinhosamente apelidado de "Macarrão") e tantos outros, velhos e menos idosos

(entenda-se: gastos), que retornavam ao lar, uns palradores e outros, em minoria, apenas viajando, ou melhor, voltando para casa.

O trem considerado "do almoço" (fazia o percurso respeitado o horário curtíssimo para quem queria fazer refeições em casa), recebia no período escolar a freqüência de estudantes como a Candoca.

A moça, prendada filha caçula do Senador Olavo Oliveira, agradabilíssima criatura que me enchia os olhos apaixonados.

Já estávamos em 1943 e eu acabara de chegar ao público com o meu livro de estréia: "Águas Mortas", e em percurso feliz de novas amizades importantes, tendo de amigo o irmão da estudante, Raimundo Ivan de Oliveira, então deputado.

Viajava de trem outra moça bonita, charmosa, como se dizia por então. Tinha os olhos azuis como contas de vidro, as do terço de filha de Maria.

A Zuila Prudente, cortejada também por mim, e que descia na parada da Moitinga, onde os pais passavam férias em casa tipo bangalô, edificação em moda à época.

A moça caminhava serena, confiante, toda de branco. Sempre.

Até Mondubim viajavam outras moças na flor da idade, igualmente agradáveis: Erbene, Mirtes, Avanir... E rapazes, quais o Olavo Carioca, Estrigas, o Luiz Aguiar Pessoa e outros mais, que iam demorar, naquele burgo, às férias de junho.

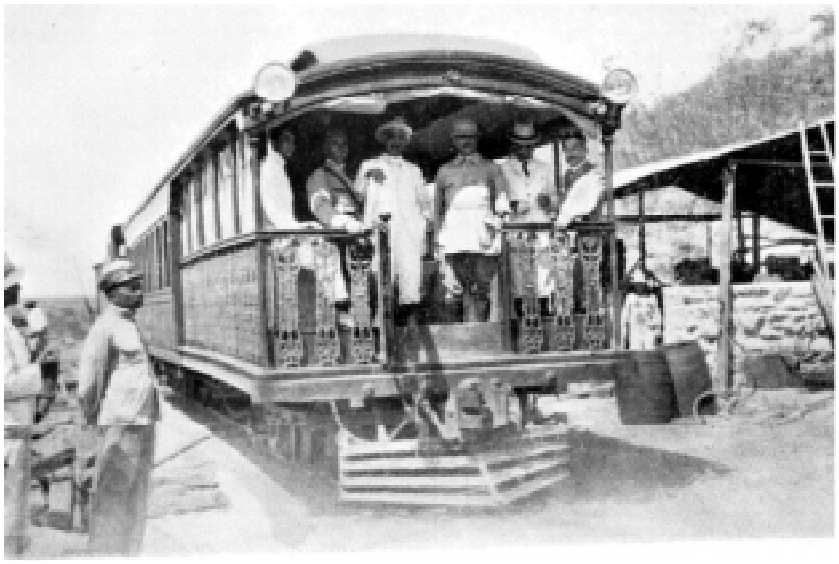
Em verdade, o Mondubim mais cordial, mais família, viajava de trem.

Passageiros como eu faziam quatro viagens por dia, rodando ao todo 56 quilômetros...

Perto de quatro anos assim.

O trem, livrava-se de mim apenas aos domingos.

Eu não.



Carro de luxo, para autoridades, em comboio da RVC.

31

EU OLHAVA e via com olhos e mãos. Olhos de olhar e ver o que ficava no resto do mundo, tudo então criado ou edificado depois da janela do trem.

Mesmo querendo esquecer, jamais olvidaria a feição dos que acudiam às estações, ou a ocasionais paradas, a ver o trem passar. E nessa contemplação de pessoas curiosas, metidas em seus trajos improvisados (os de estar em casa), nada havia de mais palatáveis a meus olhos que os fundos de

quintal de Parangaba. Esses, e não as gentes, impressionariam minha retina para sempre...

Ah, aquelas cercas guarnecidas com ramagens e frutos de melão-são-caetano, a sombra das árvores, a intimidade vivenciada de pessoas afeiçoadas ao ruído das composições e apito de máquinas, a esses dias ainda apitos e não buzinas de máquinas "diesel"; tudo isso, coisas e pessoas fascinadas à apreciação do trem a desfilar na linha férrea, de repente significavam apenas o inesperado território de mangueiras centenárias, árvores que não precisavam pejar-se de frutos para alegrar-me.

Eu era também o menininho que se perfilava para ver o trem passar...

E ele, o outro, já crescido em mim e sentado no vagão de passageiros, tinha o pescoço espichado pela janela, guloso da paisagem que me fazia mais moço e perdido de vontade de não ir, de ali ficar, esperando – e o leitor pode adivinhar? – a chegada dos sanhaçus que não tardariam vir bicar as primeiras mangas amadurecidas à força do sol.

Assim aqueles meus olhos de também olhar, assim as moças que viajavam no trem de Mondubim, indo e voltando da casa até a Praça da Estação, em Fortaleza, lugar em que eu me adestrava na humildade da vida, e igual nobreza, vendendo ao balcão o café que meu pai fabricava.

E as mãos? Viviam os rudimentos de efêmeras paixões.

No banco de palhinha – nem sempre desprovido de forramento de algum tecido cinzento – tinha-se sempre ao lado uma mocinha recatada mas amorosa.

Na breve viagem de Fortaleza até Mondubim – não mais de quarenta minutos – a mão dela era a minha, a minha, a dela.

Ela fingia olhar e ver pela janela do trem, e eu a ver o que estava em seu coração.

Nem precisávamos ela e eu disfarçar a inocente e venturosa intimidade.

O chefe de trem, João Brígido, em sua viagem, alicate à mão – toc-toc –, perfurava os bilhetes de passagens e cartões de passe para um mês, a fingir marcar os nossos bilhetes. Em verdade ele, toc-toc, alinhava os nossos sonhos.

Não faltava quem, numa ou noutra ocasião, vendo o par feliz, assim comentasse:

– Paixão em trem dura pouco...

Durava mesmo.

Na história de Mondubim, pelo menos a desses idos, os dos anos quarenta em seus inícios, não me lembra a memória de nenhum matrimônio decorrido da convivência em vagão da estrada de ferro.

E importa?

Os grandes dramas não são apenas os que perseveram.

Os sonhos às vezes valem mais, e duram tão pouco!

Que mais dizer? Em trem para Mondubim, da RVC, havia quem olhasse e visse também os olhos e mãos.

E-T-30 Distrito 12

CEARÁ TRAMWAY LIGHT & POWER Co. Ltd.

Luz e Força

Indica o valor em Cruzeiros (Cr$)

№ 397 * Rs. 150$000

Jam

Recebemos do Sr. João Pereira Campos a quantia de CENTO E CINQUENTA MIL REIS, como depósito para garantia do pagamento de consumo de eletricidade do prédio N.º 1.305 à Rua Av. Rui Barbosa

A Companhia terá o direito de suspender e cortar o fornecimento de energia a qualquer consumidor que não pagar suas contas dentro dos 15 dias posteriores ao mês a que elas se referirem. O débito verificado será deduzido do depósito e o saldo restituído mediante a devolução deste recibo, depois da desligação e retirada do medidor.

Fortaleza, de 1945

Chefe S. Luz

Recebedor

32

DEPOIS DA longa temporada em que moramos em Mondubim, fomos habitar em Caucaia, então chamada Soure.

Desses dias, memoráveis para mim principalmente em razão das pescarias praticadas em lagoas do município, ficou muito pouco da presença de vizinhos, em razão da casa que tomamos estar construída na intimidade de aprazível sítio, o Pabussu, afastado mil metros, ou até mais, da estação ferroviária.

Dali, passados exatamente dois anos, fomos parar na Aldeota, exatamente no número 1305 (nem sei se ainda existe) da Rui Barbosa, abrigados em residência bastante curiosa, pois o prédio, em sua maior porção, estava erigido em taipa, e taipa tão bem exercitada, posso admitir ainda hoje, por exímio talento de desconhecido pedreiro, obra tão bem feita que mais parecia ter-se tudo ali em alvenaria de tijolo e cal.

Em tempos recuados, estou quase certo, simpática e informal residência devia funcionar ali qual sede de sítio de lazer, que, em verdade, a simples mas inusitada edificação inseria-se no centro de amplo terreno arborizada com virentes e vistosas árvores, umas muito bem crescidas e em cujos galhos vinham espetar-se, engodados, os papagaios de papel de seda desgarrados das mãos de meninos animados pelos ventos de agosto, assim como não raro estarem ali, cantando, pelo alvorecer, uns tantos passarinhos madrugadores.

O imóvel pertencera a respeitável lusitano.

Também luso o vizinho do lado direito, o simpático Alexandre Vidal, cavalheiro que nunca me faltou com presentes de livros e revistas evocativos da santa terrinha...

Querem mais portugueses?

A dois quarteirões, se tanto, em direção ao nascente, ficava a casa do espirituoso Júlio Ventura. Inapagável criatura, figura de portuga amplo e acolhedor, a perseverar rotundo, enorme, ainda hoje em minha memória.

Irreverente essa bondosa criatura, a sugerir pendurar-se em flamejante charuto, quando me acolhia em sua casa, aos domingos, para esticada de carro à praia.

E na ampla sala de jantar, não obstante admoestado pela esposa – D. Margarida, dama requintada, bonita e elegante –, tirava a roupa para meter-se em calção de banho e ir à praia, o que fazia pilotando barulhenta camioneta, em cuja carroçaria eu me firmava ao lado de seu filho Edson Ventura, mais moço que eu, na carona mais desejada para prelibado banho de mar do domingo, o que acontecia por volta das 9 horas.

Havia outro lusitano, morando perto: Antônio Moura (beletrista, como convém dizer), casado com d. Milena. Creio que a esposa atendia assim. Ele, um autêntico cavalheiro, anos seguidos a comparecer, com competência de intelectual, às páginas literárias do suplemento de "Unitário".

Ali, na Rui Barbosa, logo aprendi: em virtude do traçado de quase todas as residências (erigidas via de regra recuadas da calçada), não havia mais lugar para a convivência fora dos imóveis, pessoas se sentando em cadeiras arrumadas nas calçadas, como vi desfrutar os meus pais, anos a fio, tanto na Rua do Imperador como em Mondubim.

A Rachel é quem ia às compras, despachadas em mercearia situada na Vila Ventura.

Dela cabe-me repetir cena que fez época, no bairro, àquele tempo (final de 1944). O dono do estabelecimento, vendo-a demorar ao pé do balcão, em desastroso gesto de atenção comandou o caixeiro:

– Fulano, atende aí a essa mulher...

Do alto dos tamancos, exasperada, a empregada rebateu na mesma hora:

– Dobre a língua, seu atrevido: mulher é rapariga de soldado.

Alexandre Vidal

Lei nº 468, de 5 de janeiro de 1949, concedeu aumento muito pequeno aos funcionários do Estado. Em respeitoso mas incisivo memorial ao governador, os servidores públicos, em 1952, em face do custo de vida cada vez mais alto, dirigiram-se ao Chefe do Executivo postulando aumento de salário e, no mesmo documento, invectivando a majoração dos gêneros alimentícios, denunciando majorações em mais de 300 por cento, e nesse caso a do feijão de corda. Na lista e comparações de preços podia-se ler: em 1949 o feijão foi vendido por 1,6... e na data da reclamação, 25 de março de 1952, era negociado por 7,00 cruzeiros.

Um quilo de café moído passara de 8,00 para 32 cruzeiros!

Fortaleza crescia célere.

Em 1955 alcançava a população de 300 mil habitantes, tão diferente daquela cidade tímida, de comportamento provinciano, a início dos anos trinta, cuja população não excedia a casa de 130 mil viventes.

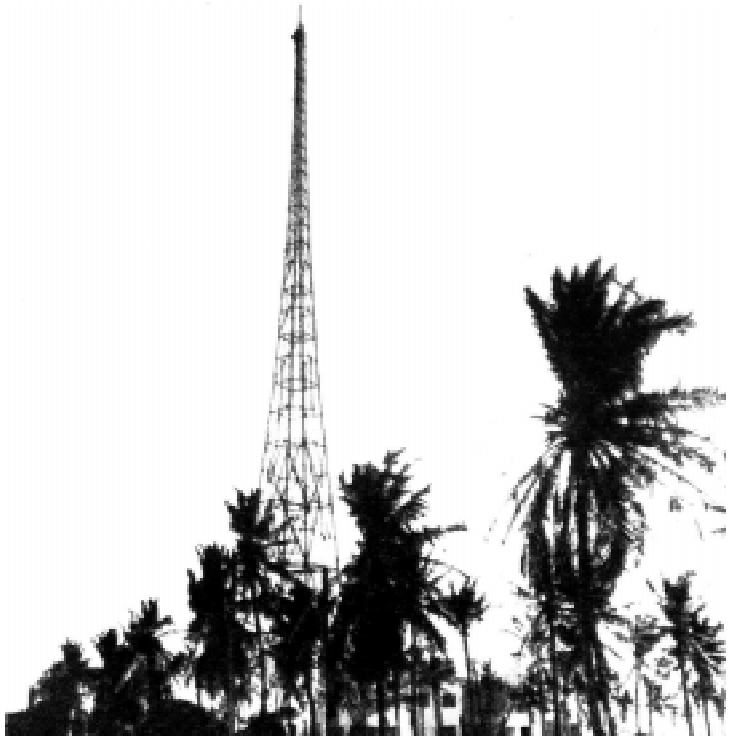
Por esses dias rodava nas ruas da cidade (elogiadas pelo seu traçado em xadrez) 241 ônibus, 928 automóveis de aluguel, 878 de particulares, chamados carros de passeio. Funcionavam 18 cinemas, circulavam 11 jornais, 11 clubes sociais elegantes; 18 clubes sociais de segunda classe, tudo como anotado no catálogo preparado e distribuído aos que visitavam a Capital por ocasião do VIII Congresso Nacional de Tuberculose.

Fortaleza podia comunicar-se com o país e o mundo através dos Correios e Telégrafos, Cabo submarino, Rádio Internacional (Radional) e pelo sistema telegráfico da Central da RVC.

02 o telefone para informações: 03, o de reclamações. Só existiam em 1955 duas estações de rádio: Ceará Rádio Clube e Rádio Iracema de Fortaleza.

Viviam-se os anos dourados da radiofonia cearense, mas no Sul, a aguçar a curiosidade de quem morava no Nordeste, já funcionavam as televisões no Rio e em São Paulo.

Logo, o tempo a correr, chegava a novembro de 1960, inaugurando-se a TV Ceará, canal 2.



A torre da TV Ceará, a “Fábrica de Sonhos”.

A cidade praticamente deixava de ser provinciana, mas ainda continuaria por mais algum tempo refém das novelas de rádio. Só mais por diante, o comércio disponibilizou mais televisores, aparelhos de modelos pesados, alguns em forma de gabinete. Mas o entusiasmo pelas transmissões com imagem e som não demoraram a chegar ao interior.

Prefeitos mais modernos, avançados para o tempo, logo instalaram receptores em praça pública. Imagem e som da TV Ceará começava a chegar ao interior distante...

31 de março. Revolução. Profundas modificações nos quadros políticos.

E a cidade, somando mais progresso. Cada vez menos calçadas disponíveis para as pessoas conversarem.

A televisão viera para modificar hábitos, e criar outros. Nasce então a figura do “televisinho”, nada mais que pessoa de casa próxima, sem recursos para ter um aparelho de televisão em sua própria casa, acode-se da gentileza do vizinho...

A roda da calçada passa, por assim dizer, para dentro de casa.

E mais tarde, propagando-se o uso de televisões, democratizando-se a audiência pelo barateamento do valor cobrado pelo comércio na venda dos aparelhos, definitivamente restava em crise a cordialidade desfrutada nas calçadas pelos vizinhos.

O grupo Clã em foto histórica na csa de Fran e Lúcia Martins

33

PERMITA O leitor que eu explique: as pessoas podem conversar entre si, e quando duas falam, em confidências – chega o tempo em que os mais idosos mais relembram – tem-se o diálogo perserverando em fatos da intimidade familiar.

De outra maneira as pessoas (refiro-me aos dos anos quarenta), quando não existia ainda a Internet, podiam também conversar ao telefone. Mas minha mãe e d. Corina, genitora do Ignácio Parente (da Zuíla, do pianista Gerardo Parente...), eram duas senhoras praticamente aprisionadas em

casa, sem mais sair à rua. Por isso "falavam" entre si através de terceira pessoa.

Aqui participa da história a outra personagem, radiosa moça de cor, de alvíssimos dentes, os tais tão brancos que mais pareciam da boca sorrindo do anúncio da pasta "Kolinos", "Ah!... Ah..."

Ela chegava ao final da tarde.

Ia entrando, entrando e dizendo: "D. Corina mandou dizer que rezou pela senhora, d. Isabelzinha. Está passando mais ou menos... Acordou duas vezes à noite. Mas só se levantou com o sino da igreja..." E a Senhora?

"Senta, criatura" – dizia-lhe minha mãe. E a moça já se arriava no divã gasto, decorado de flores encarnadas... No lugar da moça, minha mãe via outra pessoa, no caso a vizinha amiga. E passava então a relatar em voz vagarosa, assim mesmo, que estava com muita vontade de sair de casa. Andar... Talvez então se remetesse ao passado, aos dias da Rua do Imperador, quando me levava às compras à Praça do Ferreira... Ah, gemia. E na verdade era tempo sem viroses, mas de muito reumatismo.

Vinha o café; com certeza o Peri.

E a Isabel a lembrar não ter dormido bem, e entre um gole e outro da bebida, que punha cheiro no presente e no passado, ela referia a gato surgido sobre o telhado, bichano apaixonado... (Ela queria dizer lúbrico).

E mais dizia: "Criatura, nessa idade, a gente tem que se conformar... Nunca mais passei... Antes saía muito... Chegava a ir ao Prado, ao Benfica, a visitar minhas irmãs... Até via a Pompéia, vez ou outra, a coitada morando longe, em Otávio Bonfim... Agora tenho só vontade de ir à missa, nas Missionárias, ouvir o sermão do Pe. Jessé... Tão bonzinho! E posso? Ele sempre vem tomar café comigo..."

Mais adiante, em hora de especular: “Ouço falar que o “menino” dela, pianista, foi para a Paraíba?! E lá tem lugar para quem sabe tocar tão bem?”

A mãe do Ignacinho, sinto na obrigação de esclarecer, tinha o mesmo mundo de minha mãe, aquele território mínimo enfeudado pelas viúvas, jeira limitada, no caso de ambas, pelo Convento das Missionárias, marcada pelas badaladas do sino da igreja, e sobretudo pelo cheiro do pão da tarde, saindo do forno da padaria do Chico Silva...

Um dia, a relação das duas amigas ficou seriamente ameaçada, conto, que narrador que se respeita nada omite.

A estafeta das mensagens de d. Corina para minha mãe, e dessa para aquela, era mais que mensageira; tinha o coração virgem (virgem também o corpo), esse germinando o amor...

A moça deu em voltar para casa, tarde. Vinha a noite, e ela ficando, ficando.

Um dia aceitou jantar; de outra feita, tardou vendo a novela da PRE-9, a Laura Santos tão romântica! Mais à frente, foi preciso o Elias ou o Francisco, nem me lembro como se chamava o moço, pajeá-la... “Vai com a menina, fazendo companhia, pode aparecer algum malfeitor...”

Ocorreu desse modo uma vez, outra, mais outra...

Não quer o ditado, que tantas vezes a bilha vai à fonte até cair um dia e partir?

Assim foi.

Não demorou a criatura arredondar o corpo, que amor é também semente, não vira planta mas vira gente.

Durante meses as duas vizinhas amigas restaram perdidamente desconsoladas, mais pela falta de notícias que pelo infortúnio (ou ventura) da indulgente criatura de corpo virgem e sorriso mais bonito que o da pasta “Kolinos”, Ah!... Ah!...

34

OS VIZINHOS na Aldeota, pelos idos dos sucessos ora rememorados, não tinha limites definidos. A bem dizer, havia os que ficavam próximos, realmente "vizinhos" (como relatei antes, e nesse caso, dando referência, dentre outros, o Cônsul Alexandre Vidal.

Mais gente havia, como vou nomear agora, alguns que ficavam a um quer que fosse relativamente perto, do outro lado da rua... até, às vezes, mais próximo, ou mais distante três ou mais quadras além...

Diante do número 1305 da Rui Barbosa, onde vivi com meus pais, algum momento morou o Dr. Miranda Leão, casado com encantadora e exuberante mulher. Ele, médico conceituado, havia servido – e como! – na seca de 32, ajudando a salvar a flagelados. Desse modo é um dos raros médicos nomeados em relatório oficial da IFOCS, à época.

Doutor poliglota. Gordo e sábio.

Mais tarde, quando me vi casado e pai do Eduardo Augusto, ele passou a atender o nosso lar na sua especialidade pediátrica.

Depois de escrever a receita, lia-a do começo ao fim, não esquecendo nem mesmo de recitar (em voz audível) o próprio nome que acabara de firmar, o endereço da casa e número de telefone...

Na mesma casa em que morou, ou vizinha a essa, foi habitar depois o escritor Fran Martins.

Aí, aos sábados, da tarde até noite a dentro, corria carteado literário exercitado pelo Grupo Clã, jogo de "soldado de polícia", na conceituação irreverente (mas sábia) do Professor

Antônio Martins Filho, "viciado" como os outros, e esses tais eram: Braga Montenegro, Antônio Girão Barroso, Stênio Lopes, Aluízio Medeiros, Mozart Soriano Aderaldo e eu.

Mas antes desse tempo, havia vizinhos de todas as aptidões.

Do lado da sombra, na mesma rua, morava em imponente palacete a família Mindelo; e em travessa próxima, passado a Santos Dumont, a mãe do Dr. Moacir Machado.

Lar que me acolhia através dos encantos da irmã (Nair) do médico, pessoa que me repassava, amargurada, e em confiança, o drama do irmão alcançado por insidioso AVC. Desse modo enfermo, prejudicado nos movimentos manuais, passou a assistir ir-se perdendo, da noite para o dia, a bem sucedida clientela de seu freqüentadíssimo consultório.

Por esses idos, em plena Guerra, tornei-me amigo do Marcelo Linhares, já então irrepreensível em educação.

Um dia, para desespero meu, instou-me a partilhar de almoço com a família dele. A Isabel me advertiu: "Olhe onde você vai se meter! Os Linhares são gente muito fina..."

Só fui me lembrar da advertência, quando me vi à mesa, o pai do Marcelo, exemplarmente metido em paletó, e a genitora do meu amigo, admirável criatura, vestida com simplicidade mas bastante elegante. Em cima da mesa, o que eu não via em casa: copo diferente para água, para vinho... Guardanapo de linho, tão bem passado que dava pena desmanchar-lhe as dobras para usar... Serviço completo: primeiro e segundo pratos.

E o café, vindo depois, parecia despejar-se de algum bule de anúncio de reclame de brindes de louça inglesa do Toddy.

Foi a minha primeira lição de civilização à mesa.

Voltando para casa, nada comentei com minha mãe, mas comigo mesmo fui dizendo: "Viu como se servem à mesa? Viu como você ficou embaraçado? Aprendeu? Comece agora a fazer o seu dever de casa..."

126 | Serraria Central—Telefone: 12-31 |

POSTO PARA'—Telefone: 17-49

Santos Dumont (Av.)

No.		FONE
1216	Antonio Nogueira Pinheiro	14-54
1261	Myrtil Meyer	19-89
1343	Diretor de V. O. Publicas (Res.)	14-83
1453	Antonio Gurgel C. Nogueira	18-59
1425	Dr. Ossian de Aguiar (Resid.)	13-52
1456	Genesio Falcão Camara	12-34
s/n	Artur Salgado	19-70
1490	Dr. Deusdedit Vasconcelos	18-32
1518	José Godofredo Rangel	16-74
1524	Humberto Ribeiro	18-78
1545	Serviço de Malária do Nordeste	17-61
1546	Alfredo Camara Ribeiro	19-18
s/n	R. W. W. Brown	19-29
1571	Artur Vichman	19-33
1589	Dr. Alvaro Brandão Cavalcante	16-52
1624	Dr. Osvaldo Studart Filho	17-53
1665	Fernando de Lemos Basto	17-59
1673	Henrique F. Von Sohsten	15-61
1578	Abel Ribeiro	19-56
1697	Tomaz Donaldson	14-35
1754	Silvino C. Cabral (Residencia)	16-57

35

PANIFICADORES, representante consular, médicos, homens de negócios (chamar a esses de empresários é coisa dos nossos dias) já foram mencionados noutras crônicas, todos, sem exceção, excelentes vizinhos e inquilinos nas imediações da Rui Barbosa, 1305.

Mais adiante, o Braga Montenegro, mudando-se para o Bairro, foi habitar imóvel edificado de acordo com suas idéias, prédio pouco atraente, fora do padrão da época que pedia construções com varandinha na fente, e nessa, umas deploráveis colunas torcidas a fingir puxa-puxa enrolada.

Aos sábados, o Braga Montenegro, rígido crítico e inspetor do Banco do Brasil, trazia-me a mim e o Aluízio Medeiro (o poeta aderira aos bons ares da Aldeota) em carro de passeio, inglês, valendo logo mencionar que o dono só engatava a marcha, dando partida, depois de esquentar o motor por estirados cinco minutos. Não adiantava apressar o Braga, que ele, irredutível, retrucava: "Obedeço ao manual do fabricante".

Desse vezo do proprietário do carro, passou a correr dito jocoso quando alguém deparava a demora de solução a algum problema: "Meu Deus, isso até parece o automóvel do Braga!"

Quase diante de nossa casa, estava a do João Jacques Ferreira Lopes, erigida na esquina. O Jájá, assim tratado carinhosamente pelos vizinhos, além de pacatubano por adoção tinha êxito jornalístico, como cronista, era pintor. Fervoroso católico, animou-se a vir morar ali para ficar a dois passos da Igreja das Missionárias.

Vou em frente: convergiam para aparato banho de mar – passada a fase do Júlio Ventura –, juntando-se a mim, o Ésio Pinheiro e o Amorim Sobreira. O primeiro vinha de casa situada nas proximidades do antigo Ginásio São João (hoje Jumbo) e o último, de mais longe, da Av. Dom Manuel.

Descíamos pela própria Rui Barbosa em procura do mar.

E em território de ningúem, éramos os sesmeiros do maior mar do mundo, a poucos passos da barraca do atencioso Benedito, bedel aposentado do Liceu do Ceará.

Não estava em moda comer caranguejo.

Comia-se mesmo, fritados na gordura de coco, umas biquaras de beiço avermelhado, a ouvir o Amorim Sobreira (depois grande professor da Faculdade de Direito) repetindo versos de Camões, entre uma garfada e outra, e indo de permeio a golada da aguardente "Seductora". (Assim mesmo grafada. O **C** soando forte...)

O banho de mar, por esses dias, começava às 9.

Antes do sol chegar a pino (ninguém jamais ouvira falar em câncer de pele), voltava-se da praia...

Banho de tarde, só para quem estava convalescendo, ou desiludido da vida. As tardes se faziam para o futebol, o jogo começando 15 minutos antes das 16 horas.

De tarde eu ouvia música em toca-discos importado, um "Thorens", comprado à firma J. Goonsens & Cia.

Os fios do aparelho, conectavam-se ao fundo de "moderno" rádio Zenith, o tal provido do chamado "olho mágico", válvula de luz verde abrindo e fechando, até firmar arregalado verdão, quando sintonizada a estação procurada.

Indo ao Rio, em 1943, depois de publicar "Águas Mortas", tive meus conhecimentos musicais checados pelo escritor Marques Rabelo. "Seu Eduardo, diga os clássicos de sua predileção..."

E eu, como saída, me desculpando: "Não, primeiro o senhor... Por favor..." E haja o escritor a falar sobre Chopin, Mozart, Vivaldi...

Meu Deus, eu ia começar mencionando os autores de La Gondrina, da Amapola, de Siboney...

36

NA ESQUINA da Rui Barbosa com a Santos Dumont, do lado do sol, ficava a residência do Sr. Silvino Cabral. João, o filho, meu colega. A casa da família, suntuosa, tipo palacete, tinha acesso facilitado por campanhia, algo diferente do prédio em que moravam meus pais.

Aí as pessoas se anunciavam batendo palmas até a Rachel sair do alpendre com a sua discutível delicadeza, a replicar em tom exasperado: "Já ouvi! Já ouvi! Não estou mouca não!"

Os vizinhos distantes (consideremos assim aqueles que não moravam no bairro) estavam sempre chegando, e bem vindos.

Nesse caso, mencionei antes, o Pe. Jessé de Oliveira – de presença mais assídua – e até o modestíssimo Dom Raimundo, por então Bispo Auxiliar de Fortaleza.

Tendo sido pároco de Pacatuba jamais esqueceria as ligações afetivas com a Isabel, minha mãe adotiva.

Em dia da visita do bispo, aumentava o número de freqüentadores da 1305. Se o mundo acabasse num dia desses, estariam todos salvos, pois das oito até as dez da manhã, além das personalidades clericais não faltavam ali as religiosas (Missionárias em primeiro lugar), a começar de estimada prima do lado Benevides, a mais pidona das irmãs da confraria.

A Rachel atenuava sua rebelde asperidade, para transformar-se em pródiga quituteira, pois tudo vinha de sua cozinha movida a fogão "Berta', e onde pareciam sair do forno, a

todo instante, pão-de-ló, sequilho, grude, tapioquinhas, sem falar nos biscoitos da padaria do Chico Silva.

Acudia D. Ondina (esposa do cônsul Alexandre Vidal), vinha também a mãe da Zuleide; e tia Noêmi, às vezes a Avani, minha prima e irmã do Dr. Joaquim Eduardo de Alencar. De cambulhada umas e outras circunstanciais criaturas que faziam tudo para não perder o mutirão de fé na casa da Isabelzinha.

Gente pura! Inocentes criaturas que não sabiam ainda o que era seqüestro, estupro, danação, dança de traseiros abaixados em boca de garrafa...

Naquela ampla sala – ampla e conventual dependência de lar cristão, que mais parecia sala de jantar sertaneja – minha mãe recebia as homenagens do Bispo, do Pe. Jessé, das Missionárias...

Mil Ave-Marias, mil Padre-Nossos! Corações ao alto, sim, corações ao alto, bradavam todos, e poucos diziam pecados por terra! E se nessa hora, de repente Deus mandasse pancada de vento, ventania mesmo, toda a grei de pecadores acabaria arrebatada.

Ninguém tinha asas, acudo a esclarecer.

Nem mesmo a mais pura das mães, a minha.

Mas voavam todos em direção aos páramos celestiais.

37

LEITOR inconformado, mas fiel ao que escrevo, deseja saber até que ponto pode alguém considerar-se vizinho de outro, e a que distância um e outro podem viver – e sobreviver – dentro desse contexto.

Aí, como dizia a Rachel, a "coisa varia". Ela dizia "vareia". Pois sob o entendimento dessa dedicada criatura, que me ajudou a criar, vizinho era toda pessoa que indo morar perto de nossa casa, tratava-a com simpatia, chamando-a senhora.

"A senhora trabalha com a D. Isabelzinha há muito tempo? – A senhora...", etc., etc.

Vizinho também, acrescento, quem morando em casa do tipo de parede e meia, com quintal separado por providencial muro, logo aprendia a entender relações de amizade e troca de favores domésticos, esses – a bem dizer – muitas vezes acontecendo sem conhecimento da dona da casa, pois davam de ser abusivos os pedidos de "punhado de carocinhos de pimenta do reino", "colherzinha de açúcar", ou de colorau, para temperar, – pois tudo transcorria a alvedrio das criadas, principalmente cozinheiras...

Minha mãe, dona de outra maneira de ver as pessoas amigas, tinha por vizinhos não apenas os que, como refiro, se "falavam" por cima do muro do quintal, ou permitiam mais proletariamente a troca de obséquios culinários.

Elastecido o conceito da dona de casa, pois vizinho de maior consideração era o que se valia em hora e dor, à noite,

como acontecia na Rua do Imperador, e que em momentos de aperreio, pela madrugada, comunicavam-se com batidas na parede de separação dos imóveis, ou falando alto, para acudir-se em face de problema grave.

Vizinhos só esses, quem estava ao alcance dos nossos gritos, mãos, favores?

Decididamente não, pois a Isabel Eduardo alimentava a compreensão de vizinho em conceito mais exagerado, e por isso mesmo abrangente, circunstância a contemplar a quem morava no outro lado da rua, e nesse caso a Guiomar, irmã do Valdemar Caracas, criatura extremamente simpática ainda hoje, e qual o irmão, enxuta de excessos de carne e campeã de longevidade.

A meu ver, esse raciocínio tem animado o sentido saudosista dessas modestas crônicas.

Vizinho, ou melhor vizinhos eram e foram os quantos, independentes da faixa etária, da classificação de amizade, parentesco, acessavam a casa de meus pais.

Nesse caso, jamais esquecida D. Sinhá (não a Botelho, a diligente modista de minha mãe, já então a cortar as vestes de anjos e santas. Pois bem, aquela criatura saía de onde morava (Rua Padre Mororó, creio), e vinha bater em nossa casa, movida não apenas pela amizade mas pelo desejo natural dos idosos, de ter alguém para ouvi-la.

Campeã de gafes.

Um dia, depois de beber o café Peri, industrializado por meu pai adotivo, a ouvir minha mãe apregoar a qualidade da bebida, produto da atividade comercial do marido, saiu-se com esta: "Que nada, mulher". O rádio diz todo dia; o melhor café é o "Paraense", bom até a última gota..."

Outra vizinha, essa de longe, habitante como se dizia "do outro lado da cidade".

D. Natalina, o nome dessa inesperada mulher de idade, mãe do Arquimedes Campos, personagem já referido noutra oportunidade.

A criatura era mesmo andeja, incrível vencedora de maratonas, e imbatível na caminhada que fazia até nossa casa... e, em sentido figurado, ao longo do terrível percurso de solidão, anos e anos de viuvez solitária.

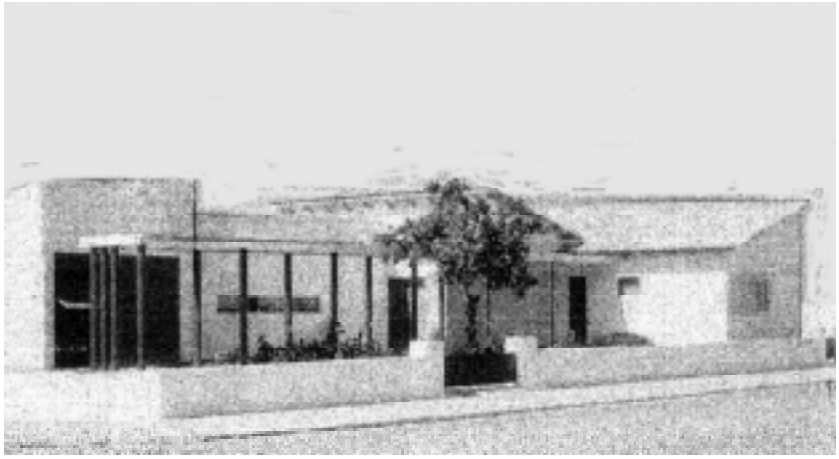
Ela, não mais que um graveto de gente, leve e delicada folha seca, e ainda assim irrequieta, disposta, altiva...

Vinha varando quarteirões, ruas, desde o Joaquim Távora, o tal "outro lado da cidade", a afastar energicamente os cães atrevidos que acometem a velhos e mendigos, e em pisada obstinada alcançar a Rui Barbosa (distância a se dimensionar em léguas), para conversar com minha mãe...

E ali, entre silêncios que valiam mais que gritadas palavras, entre as duas amigas solidárias na viuvez, vinha parar a atmosfera da Pacatuba, o inesquecível burgo de seus dias de juventude, e nelas então – ah que milagre! – florescia a vida, ainda que por instantes, a um desfilar de episódios perfumados com os odores da mocidade, o incenso do turíbulo das procissões...

Ainda hoje, na memória, vejo-as quietas como duas rolinhas tristes em dia de chuva.

Não podiam mais voar...



A casa de Heldine e Eduardo Campos,
em 1951, na Av. Santos Dumont.

38

ESTOU CASADO. Depois de poucos anos passados na Travessa Argemiro Valente, entaipado numa paisagem quase rural (e sem vizinhos), vou morar na esquina da Santos Dumont (2889) com a Desembargador Moreira. A avenida, a esses dias, sem acesso para o lado da praia.

Piso de areia, terrenos aterrados, apiloados por cascos de animais e tímidas máquinas. Por ali passava, e ainda hoje, passa rebelde, em dias de aguaceiros provocados pelas chuvas do nosso chamado inverno, uma torrente que inviabilizava o tráfego de automóveis.

Mas em frente, pelos começos dos anos cinqüenta, o Sr. Eduardo Ary acabara de construir bela casa de dois pisos. Orgu-

lhoso de imóvel, largava-se do outro lado da rua vindo parar quase ao portão de entrada da garagem de nossa casa, no lado oposto, para contemplar o que devia considerar "Meu Castelo". "Meu Doce Lar", como eu costumava ver escrito naqueles pratinhos de louça, de decoração, de pendurar às paredes.

Mais adiante, onde hoje está o Banco Real, punha-se de pé, exígua, aparentemente de poucos cômodos, a residência do Sr. Jean Ary.

E onde foi instalar-se mais tarde o Jumbo, (supermercado que traria para a avenida os inquilinos indesejáveis, uns tantos ratos enormes, verdadeiros guabirus, animais que ao cair da noite proliferavam na redondeza, desfilando acintosamente pelas varandas e alpendres), altanava-se em estilo neoclássico, creio, a casa de grande rotariano, homem de negócios, Raimundo (R). Oliveira.

Homem de sociedade, comerciante bem sucedido, abria as portas da bela residência – realmente luxuosa – para receber amigos da mesma casta, gente que, embalada pelo estímulo do uísque – bebida que passava a preferida da sociedade –, desamarrava pernas e vozes, uma zoeira só.

Aqui vem hora de tentarmos uma nova definição de vizinho.

Até então, nas relações de sociabilidade de meus pais, eu funcionara apenas simples espectador, mero observador. Não assumia àqueles dias a condição de protagonista dessa interação social, urbana. Vizinhos, mais próximos ou mais distantes, não pertenciam a mim... mas a meus pais.

Não era a mim, estudante de juventude, que eles queriam ver, encontrar audiente educado e compassivo para ouvir espisódios, sentimentos alegres ou tristes.

Agora, já casado, eu era dono de minha própria casa, e passava a assumir a condição de circunstancialmente tor-

nar-me vizinho de alguém, e nesse caso os outros, por igual, meus. E de repente passei a pressentir que os tempos mudando, mudados estavam.

Já não se faziam visitas como antigamente.

Não de raro o se comentar que tudo nessa vida estava ficava cada vez mais difícil. Até os parentes não mais se visitavam. Finara-se, por assim dizer, a eloqüência da convivência social entre vizinhos.

Cada qual tinha seu mundo. Os mundos, de cada um, não estavam possivelmente separados apenas pelo asfalto.

39

O PROGRESSO anda ligeiro, e como andava por volta de 1952. Na verdade voava, com a abertura de novas avenidas, não propriamente nas imediações da casa em que morávamos, na Santos Dumont, onde hoje está o Banco do Brasil.

Em rigor uns tantos dias ainda de pouco movimento ali, a empresa concessionária de coletivos do bairro, fazendo o trajeto de hora em hora. Eu podia sentar-me na varanda, a abrir vistas para a rua, a ler jornal ou livro pegado ao acaso, adorando os cumprimentos recebidos por ocasionais amigos, passageiros dos ônibus.

A Prefeitura vinha mostrar serviços perto.

Desse modo acabava de tomar a iniciativa de modificar o traçado da Desembargador Moreira, e logo prosperaram as obras de aterro e desmonte de pequenos cômodos, ao lado da nossa casa, viabilizando o acesso à praia, até então obstado.

No percurso, quase para chegar ao começo da rua (lado do mar), e creio que disso lembram os mais vividos, corriam ao comprido, indo de uma rua a outra, os muros e dependência do Clube Militar, algo assim. Não foi obstáculo para a proposta de urbanização. Logo a edificação existente estava cortada ao meio e o caminho estabelecido até o Náutico, na praia.

Prosperaram construções. Meu sogro, Natanael Cortez, (morava na esquina do lado oposto de nossa residência) construiu casa ali, imóvel ainda hoje erecto, praticamente pegado ao BB.

Desse modo, na casa antes ocupada pelo meu sogro foram morar novos vizinhos: o arquiteto Roberto Vilar e a esposa Glorinha. Mais adiante, o Sr. Cristalino (homem alto, de andar firme, oriundo do Rio Grande do Norte, pai da Lúcia Martins) fez construir vários imóveis. Morava num dos tais. Mais tarde, quando Roberto Vilar e esposa deixaram a rua (e o Ceará), o mesmo imóvel foi ocupado pelo Dr. Morizé de Andrade.

Eu o conhecera dos tempos do Araturi Clube, curiosa agremiação diversional, promotora de agradáveis piqueniques em sítios afastados da cidade, de propriedade de amigos dos associados, gente que se chamava Fernando Benevides, Cel. Façanha e tantos outros...

Durante anos, entaipada por fria murada, no outro canto da rua, em diagonal com a atual agência do BB, escondia-se construção antiga, espécie de galpão. Mais tarde, área adquirida pelo Bradesco, tornou-se sua atual agência Iracema.

Os tempos haviam mesmo corrido, e o bairro, nesse local apresentavam novas fachadas de casas e edifícios. Já aí meus vizinhos e eu não andávamos de ônibus, mas de automóvel. E esse tipo de transporte infelizmente acabou concorrendo para diminuir o relacionamento que, em verdade, já transcorria desanimado.

Só de raro os que moravam nas imediações de nossa casa podiam ver-se. Fora-se, sem ninguém perceber, a convivência cordial praticada nas viagens de ônibus.

Os homens (entenda-se: os vizinhos) agora comentavam marca de carro. O automóvel chegava para conferir *status*. E até o tráfego de veículos aumentou. E de repente já eram dois os ônibus a cada hora...

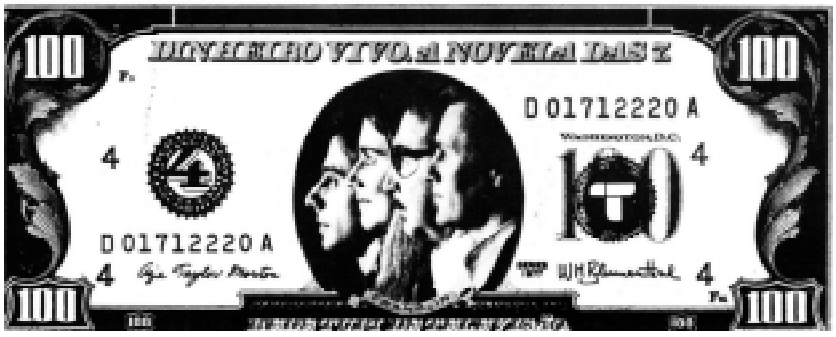
Quando construíram o desastroso "balão" na intercessão da Des. Moreira com a Santos Dumont, até que os vizinhos passaram a se ver com mais freqüência. É que, a cada

choque de veículo no mencionado disciplinador do tráfego, saíam todos de casa, curiosos.

Em mais de uma oportunidade os acidentados, nós dizíamos "feridos", foram atendidos nem nossa varanda, sob o testemunho (instintivo) do próprio Morizé (de blusa de pijama), de meu sogro (de silaque), e de quantos vinham, de perto ou distante, noite fosse, ou dia, viver a atmosfera do desastre.

Tirando o interesse mórbido, nada mais existia, infelizmente, a sustentar as relações dos vizinhos. Esse quadro, nem mesmo quando o Elias Bachá foi morar ali, se modificou. Os tempos eram outros.

E mais piorou, quando os muros subiram e instalou-se a moda do porteiro-eletrônico.



Anúncio da novela "Dinheiro Vivo"
da Rede Tupi de Televisão.

A calçada, pela década de 30, em Fortaleza, ainda era uma "parte" da casa, seu prolongamento indissociável. Ia a família para ela, depois do jantar, os mais novos acompanhando os mais idosos – pai e mãe, principalmente, a contar e a ouvir os fatos do cotidiano. O disciplinamento urbanístico como que permitia esse usufruimento de espaço e ares. Mas o passaria evolução das cidades, no mundo, não daria trégua ao homem.

Não haveria de ser assim, sempre. O desfrute da rua – ao longo do tempo – sofrera a interferência de circunstâncias que presidem o progresso. Antes, na Idade Média, a via pública, era escoadouro da movimentação da urbe. Havia a liberdade de ir e vir, condição alterada quando a roda tornou-se menos primitiva, e os carros já podiam vencer distâncias sobre pedras toscas, irregulares.

Na Renascença, dimensionavam-se as avenidas em função dos exércitos. E os coches, os carros para a florescência do capitalismo mercantilista, que se anunciava, afungentavam o homem da rua, tal qual se dá agora, com maior ênfase, na decorrência de outros fatores.

Entre nós a calçada exercia função social apreciável. Era, insistimos, dependência privilegiada da casa. Marcava sem dúvida alguma, pelos idos da década de 30, na classe média, a extensão da sala de visita, *o ponto de reunião dos mais novos com os mais velhos*.

Não havíamos tomado conhecimento de que o País é feito de jovens, como o dizem as estatísticas: quase metade da população na faixa etária dos 18 anos. Não havia o rádio nem a televisão. Os meios de comunicação eram a oralidade e a memória dos mais vividos. E no centro das decisões, das informações, o que é mais importante, os que carregavam, aos sessenta anos, maior experiência de vida.

Os de terceira idade eram ouvidos, e decidiam, mas estava perto a quadra em que teriam de se sentir marginalizados, e expulsos desse convívio e da calçada. Aliás, expulsa toda a familia, que teria de recolher as cadeiras de embalo e espreguiçadeiras.

O culto dos mais velhos, que já fraquejava, esmorece de vez. Instala-se o primado do bebê robusto. É tempo do concurso de meninos gorduchos, os bebês Johnson. Estes crescem, a fomentar na mentalidade de que o que é novo, nascente, é que importa. Sob essa filosofia passa a ser construído um mundo feito de criaturas jovens, antagônico daquele que predominava na casa, na calçada. Já não se vendem enfeites para valorizar a ancianidade austera. Tem-se o primado do corpo desnudo, a vigência do maiô de duas peças, e até de uma só. As roupas se ajustam ao corpo, apertam-no, ressaltando as partes côncavas e convexas.

A calçada agora é dos marginais. Erguem-se os muros entaipando a própria família e mais particularmente os velhos, que ficam sem liberdade de movimentos. Há clubes de "embalo", associações de entretenimento para mulheres "sós". Quem não é bastante moço, quem não veio da geração bebê Johnson, não tem aonde ir. Nem o que fazer.

Os de memória, que se destacavam em poder revelar aos de hoje o que foram os dias de ontem, tiveram sua importância de cronistas e historiadores escamoteada pela influência da televisão, que aperfeiçoou o trabalho de desagregação do rádio e do cinema.

Na corte celeste dos olimpianos não há lugar para bustos caídos, seios flácidos, rostos enrugados, perfis marcados pela escoliose. Exige-se revitalização: a retirada de excessos ou aplicação de novos recursos pela cirurgia plástica.

Ah, pelos céus! Edgar Morin é quem declara certo: "A velhice está desvalorizada".

Não tem seu clube. Não tem mais a calçada, nem audientes para a rememoração de sua vida. Há dias para os namorados, outro para a mamãe, ainda outro mais para o papai... Mas não há um dia por inteiro dedicado aos avós, que para estes a indústria da dialética do consumo não tem tempo para manufaturar presentes...

Ah, já não existem calçadas como antigamente.

MANUEL EDUARDO PINHEIRO CAMPOS

Curriculum Vitae

OBRAS PUBLICADAS

Contos: *Águas Mortas*, Edições Clã, Fortaleza, 1943; *Face Iluminada*, id., id., 1946; *A Viagem Definitiva*, Editora Fortaleza, 1949; *Os Grandes Espantos*, Edit. A Comédia Cearense, Fortaleza, 1965; *O Abutre e Outras Histórias*, Imprensa Universitária, Fortaleza, 1968; *As Danações*, Edit. A Comédia Cearense, Fortaleza, 1967; *O Tropel das Coisas*, Edit. O Cruzeiro, Rio, 1970; *Dia da Caça*, Edit. Cátedra, Rio, 1980; *O Escrivão das Malfeitorias*, Edit. Edigraff, Fortaleza, 1993; *A Borboleta Acorrentada*, Coleção Alagadiço Novo, UFC, 1998; *O Pranto Insólito*, Coleção Alagadiço Novo, UFC, Fortaleza 2000.

Teatro: *O Demônio e a Rosa,* Ed. Clã, Fortaleza, 1948; *O Anjo*, idem, id., 1965; *O Morro do Ouro*, Edit. A Comédia Cearense, Fortaleza, 1965; *A Rosa do Lagamar,* Edit. A Comédia Cearense, Fortaleza, idem, id., *A Farsa do Cangaceiro astucioso*, idem, id., 1985; *O Morro do Ouro* e *Rosa do Lagamari,* 2ª edição, Editora A Comédia Cearense, Fortaleza, 1985; *Os Deserdados* c. texto em espanhol de Geraldina Amaral, Edit. A Comédia Cearense, Fortaleza, 1967; idem, separata do texto para televisão, edição bilingüe (português/espanhol), Rev. Com. Cearense, 1987; *Os Deserdados* texto de balé de Hugo Bianchi, exibido no Teatro Alberto Maranhão, Natal, 9.11.1980; *A Trilogia dos Dramas Urbanos* (incluindo *O Morro do Ouro*, *Rosa do Lagamar* e *A Donzela Desprezada*), análise de Marcelo Costa, Edições Balaio, 1995; *Teatro Completo de Eduardo Campos*, volumes 1 e 2, Coleção Alagadiço Novo, UFC, Fortaleza, 1999;

Folclore: *Medicina Popular* (e depois *Medicina Popular do Nordeste*), primeira, segunda e terceira edições: Editora Clã, Fortaleza; Casa do Estudante do Brasil, O Cruzeiro, Rio (anos de 1951, 1955 e 1959); *Estudos do Folclore Cearense*, UFC, Fortaleza, 1960; *Folclore do Nordeste*, Edit. O Cruzeiro, Rio, 1973; *Cantador, Musa e Viola*, Edit. Americana/ MEC, Rio, 1973.

Romances: *O Chão dos Mortos*, Edit. O Cruzeiro, Rio, 1964; *A Véspera do Dilúvio*, Gráfica Edit. Record. Rio, 1ª e 2ª edições, em 1968 e 1969.

Estudos: *Complexo de Anteu*, UFC, Fortaleza, 1978; *As Irmandades Religiosas do Ceará Provincial,* Sec. de Cult., Fortaleza, 1980; *Procedimentos de Legislação Provincial do Ecúmero Rural e Urbano do Ceará*, idem, id., 1981; *A Fortaeleza Provincial: urbana e rural*, IOCE, Fortaleza, 1982; *Revelações da Condição de Vida dos Cativos do Ceará,* idem, id., 1983; 2ª edição, Sec. de Cultura do Ceará, 1984; *A Viuvez do Verde*, Edição Comemorativa dos 100 anos da Imp. Oficial do Ceará, Fortaleza, 1983; *Estrada de Ferro de Baturité*: *- história e ação social*, Sec. de Cultura, Fortaleza, 1982; *Imprensa Abolicionista: Igreja, Escravo e Senhores*, BNB, Fortaleza, 1984; *50 Anos da Ceará Rádio Clube – 1934-1984*, IOCE, Fortaleza, 1984; *Capítulos de História da Fortaleza do Século XIX*, UFC, Fortaleza, 1985; *Crônica do Ceará Agrário*, Edit. Stylus, Fortaleza, 1989; *Aspectos Socioculturais dos Inventários da Ribeira do Mossoró*, Col. Mossoroense, Série C, Mossoró, 1989; *O Ideário de Manezinho do Bispo,* Gráfica do Senado, Brasília, 1992; *A Memória Imperfeita*, Expressão Gráfica e Editora Instituto do Ceará, Fortaleza, 1993; *O Inventário do Quotidiano* (Breve Memória da Cidade de Fortaleza), Fundação Cultural de Fortaleza, 1996; *A Gramática do Paladar*, Coleção Alagadiço Novo, UFC, Fortaleza; *O Inquilino do Passado*, Coleção Alagadiço Novo, UFC, Fortaleza, 1997; *A Volta do Inquilino do Passado*, Coleção Alagadiço Novo, UFC, 1998; *A Invenção do Discurso Ambiental*, Coleção Alagadiço Novo, UFC, Fortaleza, 1998; *TV Ceará: a Fábrica de Sonhos*, UFC, Fortaleza, 1999; *A Descoberta do Sabor Selvagem*, Coleção Alagadiço Novo, UFC, Fortaleza, 2000; *O Pouso da Águia*, Coleção Alagadiço Novo, UFC, Fortaleza, 2000.

Biografias: *Gustavo Barroso: Sol, Mar e Sertão*, Coleção Alagadiço Novo, UFC, Fortaleza, 1988; *Natanael Cortez e o Ministério da Palavra,* Edit. Stylus, Fortaleza, 1991.

Memórias: *Na Flor da Idade*, Edições Tukano, Fortaleza, 1991.

Textos para Edições Especiais: *50 Anos de Ceará Rádio Clube – 1934/1984*, Imp. Oficial, Fortaleza, 1984; *Mucuripe* – álbum especial de fotos de Chico Albuquerque, Marprint Edit., São Paulo, 1989; 2ª edição, 2000; *A Morte Prepara o Laço*, texto e realização para televisão, Edição fora de comércio, Fortaleza, 1996.

PARTICIPAÇÃO EM ANTOLOGIAS

Antologia da Lit. Brasileira, Inst. Uruguaio-Brasileiro, Montevidéu, 1951; *Segundo Caderno de Gramátia e Antologia*, id., 1951; *Antologia Cearense*, IOCE, Fortaleza, 1957; *Nuovi Raconti Brasiliani*, ed. bilingüe, Rev. Branca, Rio, 1958; *Conteurs Brésilliens*, idem, id., 1953; *New Brazilian Short Stories*, idem, id., Rio, 1953; *Contos do Norte*, organizada por R. Magalhães Jr., Rio, 1959; *Antologia do Folclore Cearense*, org. por Florival Seraine, Edit. Henriqueta Galeno, Fortaleza, 1968; *Pacatuba; Antologia do Centenário*, IOCE, Fortaleza, 1963; *Die Reiher una Andre Brasilinsche* (Antol. do Conto Brasileiro), Edit. Verlag, Alemanha, 1967; *Antologia do Conto Cearense*, Edit. Tukano, Fortaleza, 1990; *A Seca em Nós*, Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 1989; *Da Senzala para os Salões*, organizada por Raimundo Girão, Secretaria de Cultura, Fortaleza, 1988; *Antologia da Academia Cearense de Letras*, Edição do Centenário, Gráfica Editora Tipogresso, Fortaleza, 1994; *O Talento Cearense em Contos*, Editora Maltese, São Paulo, 1996; *Almanaque de Contos Cearenses*, Edit. Bagaço, Fortaleza, 1997.

DISCURSO PUBLICADOS (OPÚSCULOS)

Três Discursos, com Mário Sobreira de Andrade e Antônio Girão Barroso, Edit. Clã, Fortaleza, 1943; *Discurso de Saudação e Posse no Instituto do Ceará*, com Mozart Soriano Aderaldo, separata da Rev. do Instituto do Ceará, Fortaleza; *Discurso de Saudação e Posse na Academia Cearense de Letras*, com Raimundo Girão, Fortaleza; *O Amigo fala do Constista e o Contista do Amigo*, com Otacílio Colares, Fortaleza, 1968; *A Missão do Escritor e a Crise do Espírito*, com Artur Eduardo Benevides, UFC, Fortaleza, 1973.

OUTROS LIVROS (ESTUDOS) EM CO-AUTORIA

DNOCS e o Novo Nordeste, 2 volumes, Ministério do Interior, Brasília, 1985, em parceria com Geraldo S. Nobre e João Alfredo de Souza Montenegro; *O Legislativo Cearense; 150 anos de atuação*, Edit. Stylus, Fortaleza, 1987, em parceria com os mesmos; *Contribuição à História da Justiça do Trabalho no Ceará*, separata da Revista do TRT da 7ª Região, 1987-88, Fortaleza, em parceria com os já citados e João Hipólito Campos de Oliveira; *A Fauna do Nordeste do Brasil – Conhecimento*

Científico e Popular, Banco do Nordeste do Brasil, 1995, em parceria como zoólogo Melquíades Pinto Paiva.

FOLHETOS E SEPARATAS

Decoração Teatral, estudo teatral, Edições Clã, Fortaleza, 1948; *As Manifestações Populares do Ceará: o folclore*, Edição do Centenário do Instituto do Ceará, Fortaleza, 1985; *Cultura: Definição, Problemática e Proposta para sua vigência Municipal*, Secretaria de Cultura, Fortaleza, 1980; *O Exemplar Vingt-Un Rosado Maia*, Col. Mossoroense, 1990.

TEATRO – PEÇAS (ESPETÁCULOS EM ESTRÉIA)

O Demônio e a Rosa, 25.05.1950, Teatro José de Alencar (Teatro Universitário); *O Anjo*, idem, 05.06.1955, (Festival de Arte de Amadores); *A Máscara e a Face*, Teatro Alberto Maranhão, Natal, 14.10.1958 (Teatro-Escola do Ceará); *Nós, as Testemunhas*, 1962, Teatro José de Alencar, (Teatro-Escola do Ceará); *Os Deserdados*, 1962, idem, id., *O Morro do Ouro*, 1.06.1963, Teatro José de Alencar (A Comédia Cearense); *O Julgamento dos Animais*, 14.10.1963, Teatro José de Alencar, (Comédia Cearense); *A Rosa do Lagamar,* 05.11.1964, Teatro José de Alencar (Comédia Cearense); *A Farsa do Cangaceiro Astucioso,* 21.04.1967, Teatro José de Alencar (Comédia Cearense); *O Fazedor de Milagres*, 1967, Teatro José de Alencar (Comédia Cearense); *A Donzela Desprezada* (Grupo Balaio), inaugurando o Teatro do IBEU, em Fortaleza, em 13.08.1995.

HOMENAGENS

Placa de Bronze, Teatro José de Alencar, pelas 350 encenações de *O Morro do Ouro*; récita especial da Comédia Cearense, Teatro Arena, pelas 500 representações de *A Rosa do Lagamar*; separata (edição bilingüe português/espanhol), Rev. Comédia Cearense, Fortaleza, 1987; Concurso de Dramaturgia Prêmio Eduardo Campos, Fundação Cultural de Fortaleza, 1995; participação especial (como convidado dos homenageados) em livros comemorativos da atuação literária de Jorge Amado e Luís da Câmara Cascudo; Obelisco em praça pública comemorativo do êxito da peça *O Morro do Ouro*; designação de estabelecimento público de ensi-

no em Fortaleza: Escola de Ensino Fundamental Médio Eduardo Campos; Diploma de Menção Honrosa concedido pela Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza; Placa de Bronze na Maternidade-Escola Assis Chateaubriand, hospital da Universidade Federal do Ceará; Troféu *Honra ao Mérito* (pela atuação teatral), Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1996; inauguração do Teatro *Morro do Ouro*, anexo do Teatro José de Alencar, homenagem ao sucesso da peça *Morro do Ouro* (1996).

TEXTOS DRAMÁTICOS PARA TELEVISÃO

As Tentações do Demônio; *O Amargo Desejo da Morte; A Morte Prepara o Laço; Contrabando ao Cair da Noite; As Fontes do Desespero* e *Delito Entre Flores*; apresentadas na TV Ceará, Canal 2, de Fortaleza, respectivamente em 01.04; 30.04; 11.12.1961; 10.03.1962; 19.10.1964; 24.11.1973.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS IMPORTANTES

Bibliografia do Conto Brasileiro (1841/1967), t. I. A/L, MEC, São Paulo, 1968; *Dicionário Crítico do Moderno Romance Brasileiro*, V. I, A/J, p. 123, 124 e 125, Belo Horizonte, 1970; *Três Momentos da Ficção Menor*, idem de F. S. Nascimento, analisando contos de Oliveira Paiva, Herman Lima e Eduardo Campos, Secretaria de Cultura e Desporto, Fortaleza, 1982; *Dicionário Prático da Literatura Brasileira,* Edições de Ouro, Rio, 1979; *Grande Enciclopédia Delta-Larousse*, v. III, p. 1.261, Rio de Janeiro, 1970; *História do Teatro Cearense*, de Marcelo Farias Costa, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1972; *Diário Crítico*, Sérgio Milliet, seg. vol., São Paulo, 945; *Dicionário Literário Brasileiro*, Raimundo de Menezes, Inst. Nac. do Livro, Edição Saraiva, S. Paulo, 1969; *Dicionário da Literatura Cearense*, Raimundo Girão e Maria da Conceição Sousa, IOCE, Fortaleza, 1987; *1001 Cearenses Notáveis*, F. Silva Nobre, Casa do Ceara Editora, Rio, 1996 etc., etc.

FONTES ESPECIAIS DE REFERÊNCIAS (EM LIVROS)

O Compromisso Literário de Eduardo Campos, José Lemos Monteiro, Secretaria de Cultura, Fortaleza, 1981; *Eduardo Campos, Ator e Autor*, Guilherme Neto, Fundação Cultural de Fortaleza, 1996.